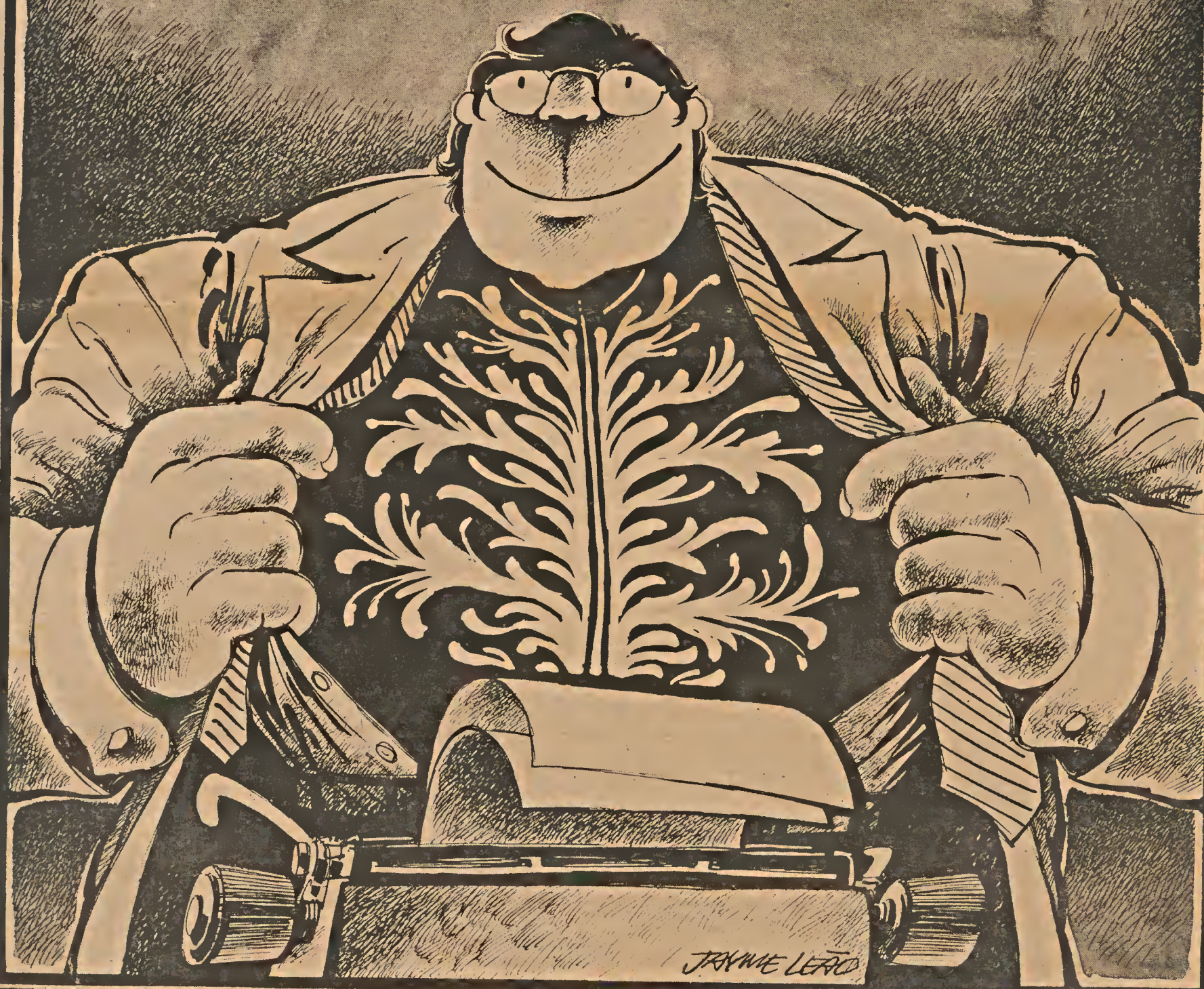


UNIDADE

ÓRGÃO OFICIAL DO SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO/ NOVA FASE ANO 2 — Nº 13/AGOSTO 1976

Jornalismo e literatura:
qual a diferença?



Mulher
bóia-fria

Feira do livro

Antecipação
foi vitória

Cartas

A posição do presidente

"No jornal 'Unidade', editado pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, do dia 12 de julho corrente, na 4ª página, foi inserida matéria sobre a reivindicação dos membros desse Sindicato, perante as empresas, para uma antecipação salarial.

No corpo da matéria, o profissional que a redigiu, diz: "Por fim Edmundo Monteiro, lastimou a situação da maioria das empresas jornalísticas, citando os problemas de importação de matéria-prima e de reinvestimentos. 'A inflação — disse ele — prejudica ainda empresas, como Diários, Folhas e Estado, que tomaram empréstimos no exterior'".

Pela presente, queremos esclarecer que houve, por parte do profissional, má interpretação do que dissemos. Não mencionamos que empresas como Diários, Folhas e Estado tivessem tomado empréstimos no exterior. O que declaramos, sim, foi que as 3 empresas jornalísticas tinham feito grandes investimentos na compra de novos equipamentos financiados no exterior e cujos juros, em virtude da inflação, acarretaram pesados ônus para essas três empresas jornalísticas".

Edmundo Monteiro: presidente do Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas do Estado de São Paulo.

O autor da idéia

"Na última edição de Unidade foi publicada a matéria 'Diário Popular na casa nova'. Nela, meu nome aparece como sendo o autor da idéia deste jornal comprar o edifício do Estadão. A bem da verdade, devo esclarecer que a idéia me foi dada por nosso companheiro Eurico Andrade. Eu apenas acreditei nela e a 'vendi' ao jornalista Armando Ferrentini, que a princípio me chamou de 'louco', por não acreditar na viabilidade financeira da operação. Com os dias, porém, começaram a surgir novos argumentos. Roberto Dualibi, da DPZ, me disse que a idéia valia US\$ 1 milhão; Muriilo Felisberto me afirmou que achava uma saída digna e honrada para o edifício que abrigava o Estadão por tantos anos, o Ferrentini acabou acreditando que seria possível o negócio.

Como se vê, muita gente merece o crédito pela compra da idéia pelo Ferrentini, mas somente o Eurico Andrade merece crédito".

Afonso de Souza - São Paulo

Texto fiel

"Jornal deve ser feito por jornalistas.

Aceite meus cumprimentos, transmitindo-os à sua equipe, em especial ao Afonso de Souza — pela fidelidade com que a matéria 'Diário Popular na nova casa' saiu publicada na edição deste mês, do 'Unidade'. Exatamente o que foi dito ao repórter, saiu na referida matéria, sem erros, ou distorções".

Armando Ferrentini — Diário Popular

Mais assinantes

"Quero uma assinatura do jornal 'Unidade'. Ainda gostaria de saber se existem os números relativos ao primeiro ano e em quanto ficaria o custo dos mesmos.

Compreendendo o sentido e o significado da luta à frente deste importante sindicato, fazemos chegar até aos demais companheiros daí o apoio, mesmo diante, de um grupo de novos jornalistas goianos.

Vão em frente. Agora já sabemos — vocês aí estão provando que é a unidade o caminho a seguir. E que segui-lo é perfeitamente viável".

Joãoimar Carvalho de Brito Neto — Goiás.

Leitor quer trocar o Unidade

"Tenho quatro números do 'Unidade-10'. Troco pelos números 3, 4, 5 e 6". Vera Artaxo — Redação da TV Bandeirantes

Nossa presença na ABI

"A Diretoria de Atividades Culturais da Associação Brasileira de Imprensa tem a satisfação de apresentar a V.Sª. sinceros agradecimentos pela sua participação no III Seminário de Jornalismo, participação esta, coberta de êxito.

Desejamos ressaltar a maneira brilhante e como logrou desenvolver sua explanação no painel sobre 'Ética e Responsabilidade da Imprensa' que, podemos afirmar foi de grande proveito para os 310 alunos presentes e atentos".

Alberto Dines — Diretor de Atividades Culturais da Associação Brasileira de Imprensa.

Diploma para mais de 40 anos

"Acuso o recebimento diploma concedido por este Sindicato, em homenagem aos meus anos de serviços prestados como jornalista, por mais de 40 anos, os quais atingirão em 1º de novembro do corrente ano, 60 (sessenta) anos de serviços como jornalista e atividades ligadas ao jornalismo".

José Borazina: matrícula 262 — São Paulo

Prudente também agradece

"Encerrado o III Seminário de Jornalismo promovido pelo Departamento das Atividades Culturais, da Associação Brasileira de Imprensa, de cujo êxito o colega e amigo foi destaque especial, apresso-me trazer-lhe em nome da Diretoria e no meu próprio, nossas congratulações e nossos agradecimentos pela sua valiosa colaboração".

Prudente de Moraes, neto — presidente.

Dr. Arne diz adeus

"Coagido por motivos particulares, estou solicitando a minha demissão do cargo de pediatra. Depois de tantos anos de convívio com os associados do Sindicato, a muitos dos quais me ligam indestrutíveis laços de camaradagem e de amizade, é realmente com grande mágoa que tomo a presente resolução.

Como não quero criar embaraços com o meu afastamento, desejo declarar que qualquer sindicalizado que sinta necessidade de minha assistência tê-la-á no meu consultório, independente de qualquer dispêndio, exatamente como ocorreu durante numerosos anos.

Não posso nunca esquecer que foi o exercício da profissão de jornalista que tornou possível que me dedicasse às minhas atuais atividades".

Arne Enge — São Paulo.

Agradecimento

"Agradamos prazerosamente o recebimento do ofício dessa entidade, de congratulações com a Associação dos Cronistas Parlamentares de São Paulo, por motivo da posse de sua nova diretoria, que temos a honra de presidir".

Otávio Júlio Silva Jr. — Presidente.

A cooperativa não é tão nova

"Para usar de estafado chavão, já digno de aposentadoria por tempo de serviço, sou assíduo leitor de 'Unidade', que mensalmente percorro de cabo a rabo, a cada número gostando mais.

Na edição de junho último, li (pág. 12) bem elaborada matéria sobre uma cooperativa de jornalistas gaúchos, cujo presidente — José Antônio Vieira da Cunha — afirma, a certa altura: "Tudo o que existe sobre cooperativismo era feito para cooperativas de produtos agrícolas. Nunca ninguém pensou em uma cooperativa de jornalistas".

A título de esclarecimento, informo que já tivemos em São Paulo uma cooperativa de jornalistas: Cooperativa de Divulgação Jornalística Ltda., — Divulgo, fundada em novembro de 1965 e que desenvolveu intensas atividades até fins de 1969. Mediante contrato, a Divulgo editou três revistas mensais que alcançaram posição de destaque nos respectivos setores: "Coopercotia", "Mundo Econômico" e "Lavou e Cooperativismo" (esta em japonês). De seu quadro associativo fizeram parte jornalistas ainda agora em plena atividade profissional, entre os quais José Yamashiro, Hideo Onaga, Y. Watanabe, Ivan J. Makamea, Rui Onaga, Romeu Onaga, Djalas Rabelo, Neide Garcia e o signatário desta.

Nossa Divulgo tinha um generoso programa de valorização profissional, cuja execução foi interrompida pela incompreensão de alguns colegas, que não souberam prestigiar os princípios cooperativistas".

Paulo Pompeu — São Paulo

Unidade em Porto Alegre

"Recebemos a edição nº 11 de 'Unidade', como sempre contendo matérias de real interesse para todos que exercem atividade na área de comunicação social".

Prof. Antônio Firmo de Oliveira Gonzales: diretor da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC do R.G. Sul.

Serviço de documentação e Bial do Livro

"E-nos grato participar-lhe que, a partir de 4 de agosto, ficará aberto ao público, imprensa, estudantes e estudiosos de nossa contemporaneidade, o Serviço de Documentação 'Francisco Matarazzo Sobrinho', à rua General Jardim, 595.

Valemo-nos ainda da presente para participar da inauguração oficial da IV Bial Internacional do Livro, marcada para as 17 horas do dia 13 de agosto do corrente ano, no Pavilhão Armando de Arruda Pereira, do Parque Ibirapuera.

Angelo Andrea Matarazzo — presidente do Centro de Documentação Francisco Matarazzo Sobrinho.

Pedido de assinatura

"Solicito uma assinatura anual do 'Unidade', jornal representativo deste sindicato.

Apresento nesta oportunidade minha alegria em ver o excelente trabalho que vem realizando este sindicato pelo jornalismo em si e também pelos profissionais.

Considero que o sindicato é o legítimo representante da classe, ao invés, de como, alguns querem, que se crie uma Ordem dos Jornalistas, esquecendo-se eles, de que o jornalista é, antes de tudo, um operário.

Espero que o exemplo de São Paulo sirva de guia para todos os sindicatos de outros estados brasileiros".

Airton Guimarães: aluno do 7º Círculo Jornalismo: PUC: Belo Horizonte.

Mais pedidos

"Há alguns dias recebi um exemplar de 'Unidade'. Fiquei muito contente ao conhecer o jornal do sindicato de São Paulo e gostei muito da matéria 'Por que precisamos de antecipação?'".

Sou repórter do jornal 'O Estado' de Florianópolis e agradeceria se continuasse a receber o jornal do Sindicato".

Oscar Ascendino da Rocha — Florianópolis.

Assinaturas

A partir deste mês, infelizmente, não poderemos mais fornecer gratuitamente UNIDADE aos não associados do Sindicato. Os interessados em continuar recebendo nosso jornal devem preencher este cupom e enviá-lo, com cheque ou vale postal, para a secretaria do Sindicato.

Nome

Endereço

Número de assinaturas

Anexo: Cheque/Vale Postal no valor de, Cr\$

Preço da assinatura: Cr\$ 50,00 (por 12 meses).
Cada assinatura dá direito a receber um exemplar.
Os cheques ou vales postais devem ser preenchidos em nome de SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO.

Números avulsos de UNIDADE serão vendidos na Secretaria do Sindicato, a Cr\$ 5,00 o exemplar.

Editorial

SINDICATO DOS
JORNALISTAS
PROFISSIONAIS
NO ESTADO
DE SÃO PAULO

Rua Rego Freitas, 530 - sobrelôja
- Tel.: 257.1633.

DIRETORIA EXECUTIVA

Efetivos

Audálio Dantas
José Aparecido
Gastão Thomaz de Almeida
Antonio Carlos de Júlio (licenciado)
Moisés Oscar Ziskind (suplente, em exercício)
Wilson Lourenço Gomes
Fernando Pacheco Jordão (licenciado)
Osmar Aparecido dos Santos (suplente, em exercício)
Hamilton Octávio de Souza

Suplentes

Luís Weiss
Derlu Marques da Silva
Eduardo N. Alves Ferreira
Luís Carlos Ramos
Oscar Menezes Barbosa

CONSELHO FISCAL

Efetivos

Hélio Damante
Elias Miguel Raide
José Hamilton Ribeiro (licenciado)
Francisco Wanderley Midei (suplente, em exercício)

Suplentes

Laurindo Leai Filho
Dirceu Salles

COMISSÃO DE SINDICÂNCIA

Efetivos

Antonio Carlos Felix Nunes
Everardo Rodrigues Mello
Cid Leite

Suplentes

Lais Fagundes Oreb
Antonio Carlos Soares
Walter Silva

DELEGADOS À FEDERAÇÃO

Efetivos

Vasco Oscar Nunes (licenciado)
Lia Gonçalves R. Dias (suplente, em exercício)
Roland Marinho Sierra

Suplentes

Wilson Tomé M. de Castro

UNIDADE

Órgão oficial do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo.

Redação: sede sindical, rua Rego Freitas, 530 (sobrelôja), São Paulo. Telefones: 257.1633 e 256.7191.

Colaboraram nesta Edição:

Adélia Borges
Afonso de Souza
Alaide R. Silva
Ana Maria J. Pedro
Beto Moringani
Branca
Denise Aparecida Tanouye
Elizabeth Lorenzotti
Geraldo Galvão Ferraz
Jayme Leão
João Lima Santana
Joca Pereira
José Maria Fernandes Soares
Hélio Damante
IGE
Lais Oreb
Lia Ribeiro Dias
Luiz Dourado Rocha
Marcos Ubratan Abrão
Marcos Domingos Agathão
Maria Setsuko Hoshi
Marilene Bernardete de Sousa
Neusa Pinheiro Hoshi
Olavo de Carvalho
Perseu Abramo
Reynaldo Leme
Thais Helena B. de Oliveira
Walter T. D'Aquino
Wilson L. Gomes
Wilson Ryoji Imoto

A quem interessa a censura?

A publicação de uma série de reportagens sobre os escandalosos privilégios desfrutados por alguns altos funcionários do governo oferece-nos, acima de tudo, uma luminosa lição: tais privilégios jamais poderiam ser revelados sem um mínimo de condições que permitissem à imprensa exercer seu papel fundamental — o de informar e orientar a opinião pública.

Salta aos olhos que os fatos revelados pelo jornal "O Estado de S. Paulo", durante largo tempo mergulhado na escuridão da censura, afetam gravemente o interesse nacional e que ocultá-los só interessa, em última análise, aos que se beneficiam dos privilégios. Estes, é preciso que se diga, são os mais ferrenhos defensores da censura à imprensa. Por motivos claros são os que, cinicamente, invocam o princípio de segurança nacional para impedir o exercício da função fiscalizadora da imprensa.

Os exemplos são muitos. Ao mesmo tempo em que notórios corruptos conseguem a peso de ouro comprar espaço em certos jornais — porque, é sempre bom lembrar, há jornais e jornais, jornalistas e jornalistas — invoca-se o rigor da lei contra aqueles que ousam, por dever de profissão e decência, denunciar abusos. Para exemplificar, basta o caso de um ex-governador, recentemente cassado por corrupção, que mandou, quando no Poder, enquadrar na Lei de Segurança Nacional o editor de um jornal que publicara notícias sobre irregularidades de sua administração. O editor foi, mais tarde, absolvido pela Justiça Militar, simplesmente por-

que as notícias publicadas eram verdadeiras. Tão verdadeiras que terminariam por determinar o ato de cassação do ex-governador. Diante desse exemplo, infelizmente não isolado, cabe uma pergunta óbvia: a quem interessa a censura?

Dentre todos os direitos, o de informar é fundamental, por uma simples razão: ele garante um direito mais alto, porque de todos os cidadãos, o de ser informado.

No episódio das chamadas mordomias, mais uma vez, fica bem claro que há necessidade de canais de comunicação abertos, de forma a permitir que tanto governantes como governados estejam a par dos problemas que são do interesse do País.

Não precisamos, aqui, entrar no mérito das denúncias em pauta. É possível, até, que haja alguns excessos a merecer reparos. O importante, o fundamental, é que nada fique escondido, dando margem ao boato, este sim, perigoso, pois permite todas as interpretações e o aproveitamento da confusão por aqueles que pretendem defender interesses inconfessáveis.

O interesse maior — e que todos nós defendemos — é o do País. Acima de quaisquer privilégios. A imprensa, neste como em outros episódios, procura cumprir o seu dever. Nada mais do que isto. Tudo a mais que se queira extrair desta lição corre por conta de interesses que não são os dos jornalistas. Nem dos homens de bem que estão conscientes de muitos outros problemas que nos atingem. E que devem ser livremente debatidos.

Audálio Dantas

CALENDÁRIO

Agosto

18 - Viagem a Caraguatuba. Escolha de área para colônia de férias.
18 - Reunião da Comissão de Liberdade de Imprensa.
21 - Cinema infantil. Desenhos animados. As 16 horas.
23 - Cinema. Filme: "Ardil 22". As 20 e 22 horas.
24 - Reunião da Diretoria Executiva. As 10 horas.
25 - Reunião da Comissão de Liberdade de Imprensa.
28 - Cinema infantil. Filme "Em busca de ouro", de Charlie Chaplin. As 16 horas.
28 - Fechamento do unidade, nº setembro
30 - Inauguração da nova sede da Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais. Em Brasília.
30 - Cinema. Filmes sobre jornalismo. As 20 horas.
31 - Reunião da Diretoria Executiva. As 10 horas.
31 - Reunião conjunta Diretoria Plena e Comissões. As 21 horas.

Setembro

1º - Reunião da Comissão de Liberdade de Imprensa.
6 - Cinema. Filme: "Deus está conosco", de Juliano Montaldo. As 19 h 30.
6 - Sessão solene, comemorativa do "Dia da Pátria". Palestra do jornalista Silveira Peixoto sobre "A imprensa na Independência". As 21 horas.
10 - Abertura da Feira do Jornalista-Escritor.

que não recolheram a contribuição sindical deste ano, o Sindicato enviará, a partir de agosto, uma carta a todas elas, solicitando-lhes que regularizem a situação. Trata-se de mais um serviço administrativo, de importância, porque possibilitará evitar maior evasão de rendas devidas ao Sindicato. As empresas que receberem a carta e que se julgarem desobrigadas do recolhimento da contribuição sindical, ou que já o tenham feito, devem informar, por carta, ao Sindicato. Com isso, também, será aperfeiçoamento e cadastramento de empresas, que a Secretaria Administrativa está elaborando.

Em agosto terá início mais um serviço de Sindicato, desta vez dedicado em particular aos filhos dos associados. Trata-se de sessões de cinema infantil, que se realizarão aos sábados, às 16 horas. A programação está sendo estudada cuidadosamente pela Comissão de Cinema, e parte já está prevista, como pode ser visto no "Calendário". As sessões normais de cinema, às segundas-feiras, terão prosseguimento até o dia 6 de setembro. Depois serão interrompidas, porque no dia 10 terá início a Feira do Jornalista-Escritor.

A Comissão de Sindicalização continua trabalhando intensamente, com bons resultados. Até fins de julho foram aceitas 189 novas sindicalizações, das quais 44 no mês de abril e 38 em julho. Esse número deverá aumentar bastante, pois a Comissão de Sindicância e a Diretoria Executiva têm aprovado, semanalmente, entre 10 e 20 pedidos de registro profissional na Delegacia Regional do Trabalho. Além disso a Comissão de Sindicalização está realizando um trabalho persistente no levantamento de informações sobre jornalistas que, estando em condições, não são ainda registrados como profissionais e, portanto, também não podem sindicalizar-se.

O Sindicato dos Jornalistas encaminhou, em julho, carta aos presidentes da Arena (Aliança Renovadora Nacional) e MDB (Movimento Democrático Nacional), carta alertando quanto ao fato de candidatos às próximas eleições nacionais se apresentarem como jornalistas profissionais. Na carta, o Sindicato observa que dará apoio, indistintamente, a todo jornalista profissional que se candidate; mas protestará contra aqueles que não exercendo a profissão se apresentem como jornalistas.

Audálio Dantas e Dirceu Sales estiveram em São Bernardo do Campo, participando de jantar em homenagem à imprensa, no início das comemorações do 423º aniversário da cidade. A ocasião foi oportuna para uma conversa com os companheiros do ABC e examinar os problemas profissionais que eles estão enfrentando.

Foi grande o número de deputados federais e senadores que no ano passado destinaram ao Sindicato dos Jornalistas de São Paulo parte da verba pessoal a que têm direito, para ser distribuída entre os órgãos de utilidade pública. O total atingiu a Cr\$ 83.000,00. Neste ano já foram encaminhados aos parlamentares cartas de agradecimento pela colaboração que prestaram em 1975 e solicitando que incluam o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo entre os órgãos que deverão receber parte daquela verba.

Há poucos dias o jornal Folha Metropolitana publicou, na íntegra, uma tese apresentada no Encontro de Jornalistas do Interior, realizado em Barra Bonita. A publicação causou estranheza, havendo quem afirmasse que se tratava de iniciativa do Sindicato, que, inclusive, teria pago quase uma página. Não foi nem iniciativa do Sindicato e menos ainda houve pagamento.

Sindicato

Os resultados da luta pela antecipação

Depois de uma ampla mobilização dentro das redações pela conquista da antecipação salarial, várias empresas da capital e do interior já atenderam a reivindicação do Sindicato. Este ano, pela primeira vez, a luta não se limitou à entrega do pedido de antecipação ao Sindicato patronal pela diretoria. Este foi apenas o passo inicial, complementado pela ação direta nas redações.

A forma encontrada pela categoria para sensibilizar os proprietários das empresas foi, em geral, a elaboração de abaixo-assinados com os pedidos, entregues diretamente aos diretores. E a mobilização teve recompensas: fugindo a uma tradição da empresa, que há muitos anos não concedia antecipações no meio do ano, a Editora Abril concedeu 10 por cento.

Até agora, a diretoria do Sindicato foi informada da concessão da antecipação nas seguintes empresas de jornais, revistas e emissoras de rádio e televisão, a partir do dia 01-7-76:

- Rádio Clube de Guaratinguetá - 25 por cento
- Rádio e TV Bandeirantes - 20 por cento
- Gazeta Mercantil - 20 por cento
- Editora Pini - 20 por cento
- Visão - 22 por cento
- O Estado de S. Paulo - 15 por cento
- Jornal da Tarde - 15 por cento
- Rádio Eldorado - 15 por cento
- Editora Abril - 10 por cento
- Grupo Folhas - 10 por cento
- Rádio Aparecida - 10 por cento

Nas outras redações, a mobilização continua. Na última semana de agosto, a quase totalidade dos jornalistas dos Diários Associados, TV Cultura e TV Globo assinaram memoriais solicitando o reajuste salarial, e agora aguardam resposta das empresas.

A diretoria do Sindicato não tem conhecimento sobre a concessão da antecipação ou a existência de movimentos nas redações do interior, além da Rádio Clube de Guaratinguetá e da Rádio Aparecida. No entanto, recomenda que

também aí os jornalistas reivindiquem diretamente dentro de suas empresas, e lembra que desde 1º de julho está em vigência o acordo salarial para o interior, estabelecido em entendimento na Delegacia Regional do Trabalho. Pelo acordo, os profissionais das cidades com mais de cem mil habitantes terão piso salarial de 1.170 cruzeiros; nas cidades com população entre 50 e 100 mil pessoas o piso é de 921 cruzeiros.

NOVA ETAPA

Depois que várias empresas concederam a antecipação, a luta salarial do Sindicato dos Jornalistas entra em nova etapa, com a mobilização em torno da concessão, em regime de urgência, de um abono salarial sem desconto na época do dissídio, como ficou decidido na primeira sessão da Assembléia Permanente de Salários.

Assim, alguns companheiros propuseram que a diretoria manifeste apoio ao projeto de lei que tramita no Congresso Nacional, instituindo o reajuste trimestral dos salários, baseado nos índices de aumento de custo de vida do DIEESE. Outros profissionais, no entanto, são contrários à medida, argumentando que com ela ficaria institucionalizado um sistema que anula o poder de barganha dos trabalhadores.

A diretoria ainda não tomou posição oficial sobre o assunto e, para isso, espera que os jornalistas discutam o tema nas redações e encaminhem sugestões ao Sindicato, de preferência por meio das sessões da Assembléia Permanente de Salários, que se realizam todas as quartas-feiras à noite.

Algumas redações já apresentaram contribuição ao debate, em forma de um documento que foi distribuído no início do mês. O documento contesta a tese de que os aumentos salariais são os principais responsáveis pela acentuada inflação que atinge o País, explicando que ela pode ser atribuída a outros fatores — como a atuação das empresas financeiras que, através de jogos de mercado, deflaram violentas pressões inflacionárias



no final do ano passado; o volume exagerado de crédito concedido às grandes empresas em 1975 (com cerca de 20 por cento desviados para aplicações especulativas no mercado financeiro); e as altas de preços de vários produtos.

"Se os assalariados não podem ser responsabilizados pela inflação — acentra o documento — acabam sofrendo as consequências: os salários dos trabalhadores esperam 12 meses para receber uma compensação frente à alta do custo de vida, enquanto os preços dos produtos são legalmente reajustáveis de 45 em 45 dias. Os empresários pressionam as altas, preocupados que estão com a rentabilidade de seus negócios. Desta forma é justo que, se aos empresários é dado o direito de defenderem a sua rentabilidade, deve-se dar igual direito aos assalariados, que vêm, mês a mês, o seu salário ter o poder aquisitivo diminuído" — diz o documento.

O documento afirma também que os salários de nossa categoria, reajustados em dezembro do ano passado, já perderam um terço de seu valor. Enquanto isso, "as principais empresas jornalísticas do País reajustaram entre 30 e 40 por

cento suas tabelas de preços de anúncios, sem fazer dos aumentos dos preços em banca. Repassaram, portanto, rapidamente, todo o percentual do reajuste que nos foi concedido". Acrescenta ainda que as despesas de pessoal das empresas jornalísticas não ultrapassam, em média, 35 por cento do total de seus custos, e que 35 por cento não significam mais do que 20 por cento do faturamento médio apresentado por elas nos balanços de 1975. Diante desses dados, afirma que "é inaceitável o argumento de que uma reposição imediata do poder de compra de nossos salários causaria pressões insuportáveis a essas empresas, ou se constituiria em forte pressão inflacionária".

Defendendo o reajuste trimestral dos salários, os jornalistas que prepararam o documento, apresentado em sessão da Assembléia Permanente, indagam: "Se os custos empresariais podem ser absorvidos pela economia com aumentos nos preços dos produtos, em prazos não superiores a 45 dias, por que os salários, que comprovadamente não são os responsáveis pelo atual desequilíbrio econômico-financeiro, não podem ser reajustados em prazos mais curtos?"

Convênio: a opção dos associados

Com a assinatura do convênio com a Unimed Paulistana, o Sindicato oferece uma nova opção de assistência médica a seus associados: a Unimed é uma cooperativa de médicos que conta com mais de 700 médicos credenciados, cobrindo todas as especialidades.

Os convênios anteriores firmados pelo Sindicato, com médicos e laboratórios, serão mantidos. Por isso, a filiação à Unimed não é obrigatória. E para se inscrever na Cooperativa, o associado deve procurar a Secretaria do Sindicato.

A taxa de inscrição é de 30 cruzeiros por associado e 15 cruzeiros por dependente. A partir do quinto dependente não será cobrada taxa de inscrição. Além da carteira de sócio, o jornalista recebe uma publicação com a lista de médicos, labo-

ratórios e RX contendo o endereço e horário de atendimento. E também a relação, com endereço, das outras cooperativas médicas do Estado de São Paulo e de outros Estados.

Para ser atendido pela Unimed, o associado deverá seguir o mesmo procedimento estabelecido para os outros convênios. Primeiro, passar pelos médicos do ambulatório, instalado na sede do Sindicato, que vão encaminhá-lo, quando necessário, para um especialista ou para exames de laboratório ou radiológicos.

Com o pedido do médico, a secretaria do Sindicato fornece uma guia autorizando a prestação de serviço (a carteira da Unimed só é válida quando for acompanhada de guia).

Pelo novo regulamento de assistência social (ver última página), o associado deve pagar uma taxa de 10% sobre o valor da guia. Assim, no caso de consulta com um especialista da Unimed, a taxa será de Cr\$ 7,50. A diretoria do Sindicato decidiu instituir essa taxa como forma de controle do movimento de assistência médica e, também, para evitar eventuais abusos.

Por outro lado, entretanto, foi elevado o teto do valor da guia: de 200 cruzeiros passou a metade do salário mínimo. Assim, só quando o valor do exame ou da consulta ultrapassar essa quantia, é que o associado pagará a diferença.

O associado continuará a ter direito só a duas guias médicas por mês. Quando a sua cota for esgotada, ele poderá requisitar novas guias, desde que pague o seu valor integral aos cofres do Sindicato, beneficiando-se apenas dos descontos dos convênios.

Assistência hospitalar

Através da Unimed, os jornalistas vão dispor também de assistência hospitalar, podendo utilizar os melhores hospitais e maternidades de São Paulo. Como o Sindicato não tem condições de pagar uma internação — e nem é essa a sua função — todas as despesas correrão por conta do associado.

Mesmo assim o convênio representa uma boa opção, pois os seus preços são muito inferiores aos do mercado. Uma cesariana, por exemplo, custa pouco mais de 1.000 cruzeiros (excluídos os gastos

com hospital) e um parto normal não ultrapassa 600 cruzeiros.

No caso de internação, o associado precisa apresentar ao hospital escolhido uma guia fornecida pela própria Unimed. No ato da expedição da guia de internação, será feito um depósito. E o acerto final, segundo o convênio, será realizado após a desinternação.

Como existem cooperativas médicas em várias cidades de São Paulo e em outros Estados, que possuem convênio com a Unimed Paulistana, o jornalista que estiver viajando e precisar de atendimento de urgência pode procurar qualquer uma delas. E será atendido mediante a apresentação da carteira.

No interior, por enquanto, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Baurópolis utilizam os serviços da Unimed, por meio de convênios firmados anteriormente pelo Sindicato, sendo que nesta última Delegacia, não correrá mais por conta exclusiva do associado toda a despesa, como vinha acontecendo. E os associados de outras localidades já poderão utilizar-se da Unimed, de acordo com o convênio assinado.

Sindicato

Antes...

Este homem vende idéias



Intercâmbio da nova cara ao "Diário"

Repetindo em Ribeirão Preto a experiência realizada em Presidente Prudente, no jornal "O Imparcial", o Sindicato, dentro do programa que prevê a valorização do jornalista do Interior, de acordo com deliberação adotada na Carta de Barra Bonita, levou ao jornal O Diário, o jornalista Jailton Fonseca, editor de arte da Folha de S. Paulo. Durante três dias o enviado do Sindicato, junto com os companheiros de O Diário, trabalharam na redação e nas oficinas em busca de uma nova feição gráfica.

Como em Presidente Prudente, os companheiros de Ribeirão Preto indagaram, auxiliaram, fizeram sugestões e trabalharam com entusiasmo junto com Jailton e, ao fim do primeiro dia de trabalho — o certo é dizer primeira noite — todos, repórteres, redatores, repórteres-fotográficos e o pessoal de oficina, puderam "lamber a cria" com satisfação. O jornal estava chegando à feição desejada. Dezoito páginas estavam reduzidas a 14. O noticiário passou por um processo de condensação e,

ao mesmo tempo, o jornal já podia, como é objetivo dos seus redatores, aspirar a condição de órgão regional. Cabe aqui ressaltar a colaboração de companheiros que, como Jailton Fonseca e Sandoval Souza Oliveira, o primeiro indo a Ribeirão Preto e o segundo a Presidente Prudente, atenderam convocação do Sindicato, que inicia este programa pensando na valorização, na elevação do nível profissional e consequente elevação econômica e social do jornalista do Interior.

Depois...

o Diário



Sindicato do Paraná terá eleição

Duas chapas concorrerão às eleições para a nova diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Paraná, que se realizarão em 30 de setembro próximo. A primeira chapa tem como candidato principal o atual presidente do Sindicato, Ayrton Luiz Baptista; na chapa da oposição, o candidato a presidente é o jornalista Milton Ivan Heller.

Falecimentos

Com o falecimento do jornalista Ciro Tassara de Pádua, dia 23 de julho, nesta Capital, aos 74 anos, desapareceu um dos pioneiros da modernização do jornalismo econômico em São Paulo. Redator de "O Estado" de 1937 a 1946, Ciro T. de Pádua, como assinava, passou a exercer as funções de comentarista econômico na "Folha de S. Paulo", então "Folha da Manhã", e depois no "Correio Paulistano", até o fechamento do centenário jornal paulista. Colaborou em revistas especializadas, como o "Observador Econômico e Financeiro" e "Digesto Econômico".

Nas décadas de 40/50 publicou em livro ou separatas, alguns estudos pioneiros, como "O negro em São Paulo"; "O negro no Planalto"; "Um capítulo da História Econômica do Brasil"; "Princípios econômicos vigentes no Brasil nas duas primeiras décadas do século XIX" e "Contribuição para o estudo das classes sociais no Brasil", além de ensaios literários. Redator do serviço público estadual, onde foi conduzido por Cassiano Ricardo, trabalhou no Departamento de Estatística até 1971, quando se jubilou ao completar 70 anos.

Ciro era associado do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo desde 22 de setembro de 1937 (ano de fundação), tendo matrícula sindical n.º 113. Nas eleições de 1949 disputou a presidência pela Chapa Independente, de sentido renovador, obtendo votação expressiva.

ELISIÁRIO PEDRO — Em maio faleceu Elisiário Pedro, associado deste 1952 (matrícula sindical n.º 907), natural de São João da Boa Vista. Elisiário Pedro, quando se inscreveu no Sindicato, era o redator-chefe de "O Esporte", cargo que ocupou por vários anos.

LEONARDO YASBECK FERREIRA — Associado do Sindicato dos Jornalistas desde outubro de 1971, Leonardo Yasbeck Ferreira faleceu em 14 de maio último. Quando se associou, ocupava o cargo de assessor e redator do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Artefatos de Papel, Papelão e Cortiça de São Paulo.

CARLOS ALBERTO MARQUES — Associado desde dezembro de 1953, sob o n.º 1084, Carlos Alberto Marques faleceu em abril último. Era aposentado na função de revisor de "O Estado de São Paulo", onde entrara em 1952.

(recorte e guarde!)

MÉDICOS E DENTISTAS

NA SEDE MÉDICOS:

Dr. Nelson Augusto Rodrigues — Ginecologia
Dr. Luiz Gustavo Enge — Pediatría
Dr. José Gualdino da Silva Neves — Clínica Geral.

DENTISTAS:

Dr. Adrés Duarte Giamas — p/adultos — Pela manhã.
Dra. Elza Mara de Bortoli Cagno — odontopediatria — Pela Manhã
Dr. José Antonio Mattos — p/adultos — À Tarde
Dra. Sylvia Lucia Paiva Bertoni — odontopediatria — À Tarde
Dr. Paulo Acyr P. Moraes Garcia — p/adultos — À Noite

ATENDIMENTO EXTERNO: ANGIOLOGIA:

Dr. Ohanes Kasegian — R. Santa Cruz, 398 — Marcar hora
Dr. Carlos Alfredo Westehalen — Av. Pompéia, 1.124 — das 14 às 18 hs.

NEFROLOGIA:

Dra. Norete Moreira Azevedo — Av. Brig. Faria Lima, 1.580 — Marcar hora.

NEUROLOGIA E PSIQUIATRIA:

Dr. Venturino Venturi — R. Jaguaribe, 25 — s/ 91 — Marcar hora

OFTALMOLOGIA:

Dr. Geovah Paulo da Cruz — Av. Ipiranga, 344 — 5º andar Marcar hora.
Dr. Francisco Faria — Al. Casa Branca, 767
Dr. Ivo Luis Poletto — Pça. Oswaldo Cruz, 47 — conj. 36 — Marcar hora
Clínica de Olhos — Pça. Amadeu Amaral, 47 — Marcar hora

ORTODONTIA:

Dr. Jairo Correa — Av. Nove de Julho, 5.483 — Marcar hora.

OTORRINOLARINGOLOGIA:

Dr. Marco Elizabetsky — R. Antonio Carlos, 196 — 2º andar.
Dr. Ivan C. Fairbanks Barbosa — R. Maestro Cardim, 769 — Conj. T-2-4

ORTOPEDIA:

Clínica de Fraturas Av. Nove de Julho, 4.525
Dr. Rubens Eduardo Gomes Martins — R. Pamplona, 522, das 9 às 12 — Av. Pompeia, 1.134 — das 15,30 às 19 hs.

EM ANGIOLOGIA:

NEW PE — Meias para varizes e cintas p/ gestantes. Pça da República, 183 — Tel: 36-1683.

CARDIOLOGIA:

Dr. Roberto A. Franken — Av. Angélica, 2.277 — Marcar hora.

DERMATOLOGIA:

Dr. Sylvio de Godoy Alcântara — Av. Angélica, 2.355 — 8º andar

ELEKTROENCEFALOGRAFIA:

Dra. Rose Mary Grossmann — R. Itapeva, 500 - 4º andar c/A Laboratório de Patologia Clínica - Av. Angélica, 2.250.

ENDOCRINOLOGIA:

Dr. Lauro Bedin Jr. — Rua Itapeva, 490 - 8º andar conj. 87. Instituto de Endocrinologia — Av. Brig. Luis Antonio, 3.333

GERIATRIA E GERONTOLOGIA:

Dr. Rubens Bensaude Rugna — Rua Itapeva, 500 - conj. 18

GINECOLOGIA:

Dra. Nina M. Krasnoschecoff — R. Moreira de Barros, 382 — Marcar hora.

GASTROENTEROLOGIA:

Dr. Mário Ramos de Oliveira — R. Frei Caneca, 1.212 — Marcar hora.
Dr. Eurico Branco Ribeiro —

R. Pirapitingui, 80 - Marcar hora.

Dr. Renato Ibrahim Uebe — Pça. Amadeu Amaral, 47 - conj. 36.

EM ORTOPEDIA

NEW PE - Calçados e Aparelhos para os pés. Pça. da República, 183 - Tel.: 36-1683

PROCTOLOGIA:

Dr. Angelino Manzone — R. Frei Caneca, 1.212 - Marcar hora.

PSICOLOGIA:

Clínica Psicológica — Rua Bahia, 1.140 - das 9 às 19 hs.
Clínica de Psicologia - Rua Dr. Estevão de Almeida, 141 - Perdizes.

REUMATOLOGIA:

Dr. José Goldenberg — Av. Brig. Faria Lima, 1.766 - Marcar hora.

UROLOGIA:

Dr. Carlos Pimenta de Campos — R. Marques de Itú, 58 - 10º andar.

LABORATÓRIOS:

CLINILABOR - Laboratórios de Análises Clínicas - R. Itapeva, 500
Laboratório Angelica de Análises Clínicas - Av. Angélica, 2.573.
Laboratório de Patologia Clínica — Av. Angélica, 2.250
Laboratório Schilling de Análises e Pesq. Clínicas — R. Major Sertório, 330

RADIOLOGIA:

Dr. Geraldo Guerreiro - R. Dom José de Barros, 168
Dr. Yeochua Avritchir - R. Amaral Gurgel, 244 - 1º andar.

FISIOTERAPIA:

Dra. Wanda R. Gonda Gussmann - R. Itapeva, 518 - 15º andar
Inst. Fisioterápico Guido - R. Sete de Abril, 264 - conj. 110

PRONTO SOCORRO INFANTIL

Hospital Sta. Cecília - Pça. Mal. Deodoro, 151

Futebol de Salão

As equipes da Folha de São Paulo A, do Diário de São Paulo e da Revista Placar são, até o momento, as primeiras colocadas no II Torneio de Futebol de Salão dos Jornalistas, promovido pelo Serviço Social do Comércio (SESC) em conjunto com o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo.

Até fins de julho era a seguinte classificação das equipes participantes, de acordo com o critério de pontos perdidos: (manhã) Folha de São Paulo A — 0; Estado de São Paulo A e Folha de São Paulo B — 2; Jornal da Tarde, Estado Revisão e Última Hora — 4; — (noite) Diário de São Paulo e Placar — 0; Gazeta Esportiva — 3; Revista Pop — 5; Jornal Informação e TV Tupi — 6; Jornal do Brasil e Diário da Noite A — 8.

Bahia ganha novo piso: cinco mínimos

Os jornalistas da Bahia iniciaram importante trabalho, no sentido de um acordo salarial condizente com a categoria. Como na Bahia não há Sindicato patronal que congregue as empresas proprietárias, os líderes profissionais procuraram manter entendimentos diretos com a Editora Jornal da Bahia, Empresa Editora A Tarde, Diário de Notícias e Tribuna da Bahia. Nos entendimentos preliminares não houve acordo, o que levou o Sindicato dos Jornalistas da Bahia a suscitar dissídio coletivo contra aquelas empresas.

O Tribunal Regional do Trabalho, da Bahia, examinou o assunto e concluiu que "não há dispositivo legal que impeça a fixação de salário profissional", embora ele não atinja os estagiários. Diante disso, o TRT determinou que o piso salarial na Bahia será equivalente a 5 salários mínimos, reajustando-se em função de decretação de novos salários mínimos na região. O argumento foi o de que se atende ao princípio de equidade, "dando-se ao jornalista tratamento idêntico ao dado por lei aos médicos engenheiros".

Estabeleceu-se também um adicional de 50% para os que exercem cargo de chefia; concessão de quinquênio de 5% sobre os salários; concessão de férias de 30 dias, a empregados que no período não faltarem mais de seis dias. O TRT não aceitou outros pontos, mas definiu como procedente a concessão de um aumento de 36% sobre os salários vigentes a 1º de janeiro de 1975, a partir da data de junho de 1976.

As empresas empregadoras recorreram ao Tribunal Superior do Trabalho e o Sindicato dos Jornalistas da Bahia, enquanto espera as decisões, anuncia que poderá ir até ao Ministério do Trabalho, exigindo fiscalização permanente em cada redação, para verificar se as matérias entregues estão sendo feitas por jornalistas profissionais.

O jornalismo na área da especialização

Responsável pela edição de quatro revistas especializadas em construção civil, arquitetura e engenharia pesada — **A Construção São Paulo**, semanal, **A Construção Rio de Janeiro**, quinzenal, e **A Construção Região Sul** e **A Construção Norte/Nordeste**, mensais — a Editora Pini consolidou-se nos últimos anos como a principal empresa editorial do gênero no País. E o ano de 1976, que trouxe problemas graves para o mercado, das publicações especializadas, está representando para ela um período de expansão e abertura de novas áreas de atuação. Deverá lançar, até outubro, uma nova revista — **A Construção Minas-Centro Oeste**, e desde janeiro veio ampliando e qualificando a equipe de jornalistas das várias revistas.

Hoje, além do diretor de redação das revistas — Jarbas de Holanda Pereira —, ele utiliza, na matriz de São Paulo, em regime de tempo integral, os serviços profissionais de 16 jornalistas, dos quais um secretário de redação, uma secretária de produção, oito repórteres e redatores, um fotógrafo, uma diagramadora e qua-

tro revisores, além do pessoal da arte e da fotolitografia. E mais dez nas redações das demais revistas, dos quais um secretário de redação da sucursal do Rio, e repórteres e redatores nas sucursais do Rio, Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Curitiba e Porto Alegre, que trabalham autonomamente em relação às gerências comerciais, reportando-se diretamente à direção de redação em São Paulo.

A RECEITA

Para que uma verdadeira redação de jornal numa editora de revistas especializadas? A indagação é de certa maneira procedente se se considera que no Brasil a maioria das publicações do gênero é feita à base do esforço e da dedicação de reduzido número de profissionais do jornalismo, dois ou três, que são ao mesmo tempo redatores-chefes, cópis, repórteres e às vezes até fotógrafos, diagramadores e revisores, além de serem usados como contatos de publicidade.

A redação de jornal não deve ser um luxo dos proprietários da empresa nem



indicação de que eles gostem de gastar dinheiro à toa. Ao invés disso, ela é certamente uma peça chave da expansão da Pini, que está possibilitando à empresa ganhar mais, receber um volume crescente de publicidade, apoiada na prestação de serviços jornalísticos em condições de cobrirem, a nível especializado, os diversos setores técnicos e econômicos objetos do interesse das revistas. Ou seja, é a qualificação da imprensa especializada do País, que implica o alargamento do mercado de trabalho, a necessidade dos serviços de profissionais de bom nível e de salários correspondentes.

Começando como um veículo básico das seções de orçamentos e compras de equipamentos e materiais das empresas

do setor, em face das cotações desses insumos que atualiza semana a semana através de pesquisas diretas no mercado, a revista foi passando a cobrir jornalisticamente as áreas mais importantes da construção civil, da arquitetura e da engenharia pesada — os projetos, as decisões governamentais, o setor de máquinas e materiais, as obras civis. E também a política dos técnicos e empresários desses setores, reunidos em associações de caráter técnico e econômico — suas reivindicações, seus congressos e seminários, no Brasil e no exterior.

A frequência semanal e a velocidade com que pode cobrir os diversos setores do seu interesse terminaram abrindo para a revista um novo mercado ao qual nenhuma outra publicação do gênero chega — o das bancas de jornais. “**A Construção São Paulo**” é vendida hoje em 250 bancas da capital, com solicitação de repartes crescentes pelos jornaleiros.

As revistas regionais foram surgindo de oito anos para cá, apoiadas no acervo de experiências e de relacionamento da editora com os meios técnicos, empresariais e administrativos da construção civil dos diversos Estados. E todas igualmente com circulação paga e amplas seções editoriais.

Abril-Tec faz crescer número de homologações

Julho foi o mês, neste ano, em que houve o maior número de homologações de rescisão de contrato trabalhista de jornalistas, aprovadas pelo Departamento Jurídico do Sindicato. Enquanto em fevereiro foram aprovadas 20 homologações e em janeiro 21, em julho o número chegou a 69, superando o total verificado em março, quando se atingiu a 59. Em abril foram feitas 42 homologações; em maio, 39, e em junho, 46.

Do total de 69 homologações, 65 jornalistas haviam optado pelo Fundo de Garantia; 31 eram sindicalizados, 32 não, e 4 não especificaram a situação. 43 estavam devidamente registrados no Ministério do Trabalho, como jornalistas profissionais; quatro não especificaram; e 20 não eram registrados, número que mostra que as empresas ainda insistem na admissão de pessoas não devidamente habilitadas de acordo com a regulamentação da profissão.

O grande número de demissões (57) e pedidos de demissão (8) ou acordos (2) em julho, se deve principalmente ao que ocorreu na Abril-Tec, responsável por 34 das homologações hávidas. As demais homologações foram de jornalistas da Agência Folhas (4), Diário da Noite, (6), Empresa Folha da Manhã (4), Estado (4), Editora Abril (4), Rádio Bandeirantes, (3) e outras.

Repórter: vida dura

Diretores de clube de futebol e de indústrias também se julgam no direito de impedir, com socos e pontapés, o trabalho dos profissionais da imprensa, quando lhes convém. No mês passado, dois repórteres dos Diários Associados foram agredidos física e moralmente pelo presidente do Corinthians, Vicente Matheus, e pelo diretor social do clube, Daniel Spindola. De acordo com o Diário de São Paulo, Odair Pimentel, com os colegas Nelson Cilo e Antonio Rodrigues, entrevistava Matheus, quando uma pergunta irritou o dirigente. Para serenar os ânimos, o assessor de imprensa do clube levou Odair para outro local; quando conversavam, surgiu o diretor social, Daniel Spindola, que atacou o repórter a socos e pontapés. Enquanto isto, Matheus destratava o repórter Nelson Cilo, ameaçando-o de expulsão do clube.

Memorial do Estado, vitória da Categoria

A partir de 1º de agosto, todos os jornalistas da S/A Estado de S. Paulo, contratados em regime de full time, passam a trabalhar 7 horas por dia. Com a assinatura dos novos contratos de trabalho, foi rompida uma tradição, já sacramentada na empresa, que obrigava os jornalistas de tempo integral a uma jornada de 10 horas.

Essa vitória não é apenas dos jornalistas do Estado ou do Sindicato dos Jornalistas, mas de toda a categoria. A mudança foi consequência de um memorial encaminhado à diretoria da empresa pelo Sindicato, inaugurando uma nova forma de defesa dos interesses dos profissionais.

Com a redução da jornada de trabalho, fixada agora em cinco horas, mais duas extras, diárias, como determina a Consolidação das Leis do Trabalho, os jornalistas contratados por tempo integral vão continuar com os seus vencimentos anteriores, relativos a 10 horas.

Assim, para que os jornalistas que exercem a mesma função e pertençam à mesma faixa salarial dos full time não

fiquem com os seus vencimentos defasados, a empresa decidiu conceder um aumento de cerca de 36% para todos os profissionais contratados por 5 horas, que trabalham em seções onde existam full time. Essa medida atinge jornalistas das redações do Estado e do Jornal da Tarde, do Arquivo e da Fotografia.

Essa é apenas uma das reivindicações contidas no memorial encaminhado à empresa em março deste ano. Outros problemas, apontados pelos funcionários da S/A O Estado de São Paulo, também foram solucionados pela diretoria: a contratação de todos os profissionais que, apesar de trabalharem regularmente no Estado ou no Jornal da Tarde, não eram registrados, recebendo por cessão de direitos autorais.

Além de anotações corretas na carteira de trabalho, a diretoria da S/A O Estado de São Paulo, em ofício encaminhado ao Sindicato dos Jornalistas, prometeu estudar uma forma de remuneração dos repórteres fotográficos pelo aproveitamento de seu trabalho pela Agência Estado. E informou que vai cons-

truir uma creche, como determina a lei, em suas novas instalações.

A passagem da Revisão, da Gerência de Relações Industriais para a área de Redação foi, sem dúvida nenhuma, outra grande vitória. Apesar de a empresa ter-se negado a atender à reivindicação feita pelo Sindicato, através do memorial, ela foi obrigada a realizar na prática essa mudança, em função das próprias necessidades do jornal. Isso vem demonstrar que as justificativas apresentadas pelo Sindicato, ao fazer essa reivindicação, eram corretas, pois fundamentavam-se no fato de que a função de revisor é essencialmente jornalística.

Agora o Sindicato e os jornalistas da S/A O Estado de S. Paulo estão aguardando a solução dos outros problemas, como o pagamento de horas extras trabalhadas durante viagens a serviço da empresa. Os resultados do memorial, que em grande parte foram favoráveis aos profissionais da S/A O Estado são, para a diretoria do Sindicato, uma conquista de todos os jornalistas.

Entrevista provoca demissão

Vários revisores de O Estado de S. Paulo já estão trabalhando na redação — substituindo repórteres e redatores em férias — como resultado da desvinculação da Revisão da área industrial do jornal, divulgada no *Unidade* nº 12.

Entretanto, o clima de quase euforia existente na Revisão foi subitamente interrompido pela notícia da saída do chefe da seção, Edmilson Orlando da Conceição, que há quase dois anos ocupava o cargo de chefia.

Os motivos alegados pela empresa foram os de que a Revisão passará por um processo de reestruturação, com a criação de várias subchefias e a coordenação será feita pelo atual chefe da Divisão, ficando assim extinto o cargo de chefe de seção.

Entre os revisores, porém, considerou-se que Edmilson poderia ser mantido em alguma outra função — é jornalista e portanto há vários lugares em que poderia trabalhar no Estado — ou mesmo ficar

com uma das subchefias a serem criadas na nova estruturação. Não seria um rebaixamento, pois a estrutura teria mudado. De qualquer modo, a alternativa poderia ter sido colocada para a escolha do funcionário, que entretanto foi dispensado sem que tenham sido feitas restrições a seu trabalho profissional.

O motivo da dispensa, segundo o pessoal da Revisão, deve ter sido um incidente ocorrido dois dias depois da mudança do Estado para o novo prédio.

O incidente — se assim pode ser chamado — teve início com a chegada de uma repórter e cinegrafista da TV Bandeirantes, para uma reportagem sobre a mudança. Depois de entrevistar algumas pessoas na redação, a repórter solicitou ao gerente de uma seção ligada à redação — que a assessorava — para conduzi-la até a Revisão. O pedido foi negado sob a alegação de que a Revisão estava vinculada à área industrial.

Depois de muita insistência a repórter conseguiu permissão para a visita. Já na Revisão foi novamente alertada pelo gerente, que a acompanhava, que não seriam permitidas entrevistas. Na ocasião, o chefe da seção — Edmilson — demonstrou sua estranheza, argumentando que a proibição seria contraproducente.

Finalmente ficou acertado que a repórter entrevistaria uma revisora fora do prédio, o que realmente aconteceu.

Na TV Bandeirantes o fato causou surpresa e mais surpreendidos ficaram os repórteres e redatores quando receberam a ordem de arquivar a reportagem programada para ser apresentada naquele mesmo dia. Sabe-se que houve entendimentos entre as empresas.

Mas o incidente não estava encerrado. O chefe da revisão foi dispensado apenas alguns dias depois que a seção passou para a área de redação.

Redações

Censura Recolhe Opinião e corta Movimento.

A propósito da apreensão da edição número 195 do semanário "Opinião", o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo enviou telegrama ao ministro da Justiça, Armando Falcão, com o seguinte texto: "Sindicato dos Jornalistas de São Paulo lamenta a apreensão da edição de "Opinião" desta semana pela Polícia Federal em consequência de possível mal entendido nos contatos com órgãos da censura, conforme explicação do secretário do jornal. O Sindicato espera que as autoridades federais reexaminem a situação, bastante prejudicial ao próprio jornal, a imprensa em geral e à cultura nacional".

No fim da tarde de quinta-feira, dia 29, agentes da censura de diversas públicas da Polícia Federal cercaram o prédio da gráfica da editora Mory, no Rio de Janeiro, onde se imprime o jornal, revistando todos os que saíam e entravam. Em carta ao presidente da ABI, a direção de "Opinião" diz que os agentes prenderam o secretário de redação Oseas Carvalho, na gráfica, soltando-o apenas às 22 horas, depois de examinado o semanário.

Os textos proibidos foram a reportagem de capa, sobre as multinacionais de alimentos — "A expropriação da saúde no terceiro Mundo", um artigo sobre o pensador Antonio Gramsci e outro sobre religião. O auto de apreensão era assinado por "Moraes", sob o título de "autoridade", e explicava apenas que se tratava de "ordem superior".

No último dia 30, sexta-feira, os editores de "Movimento" informaram que a censura vetara metade do material enviado para exame prévio, que normalmente é devolvido quinta-feira. Nesse dia, um agente da Polícia Federal esteve na sede do semanário, para solicitar a lista de seus acionistas.

Censura Não acaba Agrava

Apesar do otimismo de notícias divulgadas recentemente, anunciando o levantamento da censura prévia ao semanário "O São Paulo", aconteceu exatamente o contrário, conforme demonstram as novas normas que o Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça enviou à sua redação. Segundo o comunicado daquele órgão federal, "a censura prévia (...) será realizada, a partir desta data, na sede da Superintendência Regional do D.P.F., em São Paulo... Assim, S.Sa. deverá providenciar a remessa de matéria relativa a cada edição, inclusive anúncios, fotografias, vinhetas, capa, contra-capas, etc. à sede do D.P.F. até, no máximo, às 17 horas de cada quinta-feira. Cumpra esclarecer que não será permitida a substituição da matéria vetada, sendo obrigatório o preenchimento de espaços relativos aos vetos que ocorrerem com material normalmente aprovado, e, se não houver, o editor diminuirá o número de páginas da edição. Após a impressão do semanário, três exemplares deverão ser encaminhados a esta S.R./D.P.F. / S.P. em horário previamente determinado, para conferência e liberação, se for o caso".

Ao mesmo tempo em que isto ocorria em São Paulo, em Roma, o Papa Paulo VI decidia elevar o jornalista (inscrição sindical nº 2.178) Amaury Castanho a Bispo Auxiliar de Sorocaba. Amaury Castanho foi editor do jornal diocesano, de Campinas e diretor do jornal "O São Paulo". Foi durante sua gestão que aquele semanário passou a ser submetido à censura prévia, agora agravada.

Premios de Jornalismo

Além do Concurso "Jornalista e Escritor Monteiro Lobato" (ver página "Sindicatos"), os jornalistas profissionais tem outras opções para se candidatarem, com seu trabalho, a bons prêmios, instituídos pelo Senac, pela Prefeitura de São Bernardo do Campo ou pela Valmet; e também há um prêmio que interessa aos jornalistas-escritores, instituído pelo Unibanco.

Em resumo estas são as principais informações a respeito:

Contribuição do Senac para a formação profissional no Estado de São Paulo — Visa a premiar trabalhos de jornalistas profissionais sindicalizados ou não, estudantes de jornalismo e repórteres-fotográficos, publicados entre 1º de agosto e 30 de novembro de 1976. É uma promoção conjunta do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial e do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Há dois prêmios: "Comerciante Manoel Teixeira de Carvalho" (1º e 2º lugares) para texto e fotografias e "Especial Senac", as empresas jornalísticas ou escolas a que pertençam os premiados e aos estudantes de jornalismo. As inscrições podem ser feitas até 30 de novembro, na sede do Sindicato, ou no setor de Divulgação do SENAC — rua Dr. Vila Nova, 228 — 10º. Informações

no SENAC — também pelo telefone: 256-5522.

O Prêmio São Bernardo de Jornalismo, comemorativo do 423º aniversário da fundação da cidade destina-se a jornalistas profissionais e estudantes do 4º ano de Jornalismo. Os trabalhos, versando o tema **São Bernardo do Campo da Década de 70**, deverão ser publicados durante este mês. Há quatro categorias de prêmios: **Nacional** — 12 mil cruzeiros em dinheiro, mais passagem e estada de três dias em Salvador ou São Paulo (incluindo São Bernardo), para duas pessoas. **Interior** — 12 mil cruzeiros em dinheiro e passagem de ida e volta a Salvador e estada de três dias, para duas pessoas. **Regional** — 8 mil cruzeiros e passagem de ida e volta para duas pessoas a Salvador e estada por três dias. Os jornais e revistas a que pertençam os vencedores receberão menção honrosa. Informações pelo telefone: 448-1000 ramais 416/356/345 — telex 4049 PSBC BR, São Bernardo.

Unibanco — Este concurso interessa aos jornalistas-escritores.

Para estimular o hábito da leitura, o UNIBANCO lançou a campanha LER E VIVER, juntamente com um concurso de literatura. O

"Concurso Unibanco de Literatura" proporciona uma premiação total de 300 mil cruzeiros, para contos, distribuídos da seguinte forma: 1º lugar, 100 mil cruzeiros; 2º lugar, 75.000,00; 3º lugar, 45 mil cruzeiros; 4º lugar, 25 mil cruzeiros; 5º lugar, 15 mil cruzeiros; 6º lugar, 12 mil cruzeiros; 7º lugar, 10 mil cruzeiros; 8º lugar, 7 mil cruzeiros; 9º lugar, 6 mil cruzeiros; 10º lugar, 5 mil cruzeiros. O concurso é aberto para quem quiser participar e as inscrições podem ser feitas a partir deste mês, em qualquer agência do UNIBANCO.

Valmet — Ainda se encontram abertas as inscrições para o **Premio Valmet de Jornalismo**, lançado em maio último. O prêmio Valmet destina-se ao setor de agricultura ou silvicultura, para trabalhos publicados no período compreendido entre 1º de dezembro de 1975 e 30 de outubro de 76. Os prêmios: 1º lugar 25 mil cruzeiros e uma passagem aérea à Finlândia, com estada de cinco dias em Helsinque. Os 2º e 3º lugares receberão, respectivamente, 12 e 5 mil cruzeiros, além de diplomas. O concurso é só para jornalistas profissionais. Informações na VALMET DO BRASIL S/A IND. E COM. DE TRATORES, avenida Senador Queiroz, 96, 9º a., sala 910 Tel.: 227-2522.

BAHIA

Viva! 40% de desconto nos vôos! Pelo menos, outros 40% nos hotéis! Esta é a chance histórica de você conhecer o que é seu!

O DAC e a Embratur criaram o VTD com os descontos acima. A Vasp, Exprinter, Intermare e Nova Miller pegaram o VTD e criaram este Roteiro Viva a Bahia, 8 dias em Salvador, com tudo programado:

Você começa sendo recebido no aeroporto por um Coordenador que vai dar assistência durante a excursão inteira.

Viaja em Super Boeing 737, e chegando lá já entra no nosso ônibus com ar condicionado, música e serviço de bordo.

Este ônibus vai levar a gente a todos os passeios bonitos que Salvador oferece: Pelourinho, Cidade Baixa, Igrejas do Bonfim e de S. Francisco (toda em ouro),



Mont Serrat, Abaeté, Itapoã, Ondina, etc., etc.

Além disso, faremos um cruzeiro em escuna, do Porto dos Tainheiros ao Farol da Barra, apreciando as ruínas dos 3 fortes famosos.

Reservamos muitas horas para você ver a magia dos shows e candomblés.

E muitas horas nas praias ensolaradas mais lindas do Brasil.

Numa de as, está seu hotel, o Hotel Meridien Bahia.

Não espere mais. Viva a Bahia!

VASP
Onde você voa com quem gosta.

PLANO VIVA O BRASIL

Um empreendimento Vasp, Exprinter, Intermare e Nova Miller. Autorização EBT/SP nº 21.

Peça mais informações ao seu Agente de Viagens.

Saídas de S. Paulo	Preço Viva o Brasil (parte aérea e terrestre)	Preço Normal da passagem, viajando por conta própria
Agosto: 7, 14, 21 e 28	* Cr\$ 2.995,00	Cr\$ 2.616,00 (à vista)
Setembro: 4, 11, 18 e 25	* Cr\$ 3.195,00	
Outubro: 2, 9, 16, 23 e 30		
Novembro: 6, 13, 20 e 27		
Dezembro: 4 e 11		

*Preços amplamente financiados.

Exemplos significativos não faltam: os nomes de Ernest Hemingway (que confessava ter forjado seu estilo no livro de normas de redação de Star de Toronto) e de Machado de Assis, para citar apenas dois, bastariam para avaliar o parentesco entre jornalismo e literatura. As duas atividades, aliás, chegam a confundir-se no chamado novo jornalismo norte-americano, no qual se torna difícil dizer se gente como Norman Mailer, Truman Capote e Gay Talese, entre outros, podem ser chamados de jornalistas ou escritores. As dúvidas, entretanto, persistem, gerando contínuas polêmicas. Até que ponto o jornalismo atrapalha o escritor? Ou ajuda? O jornalismo é o escoadouro para onde desaguam as vocações literárias frustradas? O jornalista

O jornalismo e

— O jornalista é um escritor frustrado?

— Loyola — isso não é nem um conceito, é um preconceito. Tem jornalista que é um escritor frustrado e tem escritor frustrado que é jornalista.

— Plínio — aliás tem muito cara que ficou escritor porque não podia ser jornalista por não ter poder de síntese.

— Wladyr — eu concordo com Loyola.

— Mansur — eu acho que realmente não chega a ser um conceito. Da mesma maneira que o escritor é às vezes um jornalista frustrado, deve realmente ter isso que o Plínio disse do escritor ser realmente um jornalista frustrado. Dentro disso aí existe uma outra verdade: o bem que o jornalismo faria realmente a muitos escritores que estão escrevendo neste país. Não apenas do ponto de vista do poder de síntese que o Plínio falou, mas também do ponto de vista que uma visão do mundo que eu acho que está faltando muito ao pessoal que está escrevendo no Brasil.

— Edy — Eu ia indagar se o escritor não era um jornalista frustrado, em alguns casos, é claro.

“O REPÓRTER TEM UM CONTATO MAIOR COM A REALIDADE”

— pergunta: A visão do mundo que o jornalista tem é um trunfo para o escritor?

Loyola — eu acho que pra mim foi um trunfo, porque eu tentei colocar nos livros principalmente a visão que eu tive na Última Hora. A Última Hora do meu tempo era um jornal popular, um jornal que se preocupava com a realidade nacional, com problemas de povo, de trabalhadores e tudo. O jornal serviu pra me dar uma consciência. Uma consciência de classe e provavelmente uma consciência política. Por mais que se possa duvidar um pouco da linha da Última Hora daquele tempo, de qualquer forma era uma linha sincera e honesta.

— Plínio — o mais grave de tudo é que tem muito jornalista sem nenhuma visão do mundo, que se mete a ser escritor também sem visão do mundo. Então o problema é que o escritor só pode ter uma visão de mundo muito clara, né, e isto você não adquire exercendo profissão alguma, você adquire pelo esforço próprio. Atualmente nos jornais as pessoas são levadas a não terem visão de mundo, porque senão acabam até pedindo demissão.

— Loyola — mesmo porque os jornais de hoje não têm muita visão de mundo ou pelo menos não têm muita

visão da realidade brasileira que eu acho que é importante ter na literatura nacional.

— Mansur — eu concordo com isso que o Plínio disse, dessa falta de visão de mundo, porque se o sujeito for esperar ter uma visão de mundo porque ele é jornalista, porque o jornal ou a profissão lhe dá isso, realmente, nas atuais circunstâncias no Brasil, isso não seria possível. Há pouco tempo eu trabalhava no Jornal da Tarde, por exemplo, e a gente às vezes mandava algum foco ou alguma foto nos arquivos verificar a coleção do jornal e o cara ficava espantado com os jornais já de 64, 65, com o tipo de liberdade que havia naquele tempo, com o tipo de coisa que se podia escrever, de jornalismo que se podia fazer. Quer dizer, esse pessoal que se formou de 64 pra cá não tem nem idéia do que havia, de como era feito o jornalismo algum tempo atrás. Por outro lado, eu acho que o jornalismo dá uma visão de mundo que o escritor não temtomado o escritor como o cara que se fecha no gabinete pra escrever, e tem muita gente no Brasil escrevendo assim, então ele vai ter menos visão de mundo que o cara que trabalha em jornal.

— Wladyr — eu acho que é importante pra o escritor-jornalista ter sido repórter, porque o que existe muito é o sujeito que começa já como redator, então não tem aquela vivência da coisa. O repórter tem um contato maior com a realidade e pode falar inclusive uma linguagem que seja mais próxima daquela que o público quer ler.

A EXPERIÊNCIA DO JORNALISTA É SUPERFICIAL”

— Edy — eu ia dizer que acho importante ter sido repórter, mas não só pra saber o que as pessoas querem ler, mas também por um enriquecimento de dentro, quer dizer, a própria pessoa fica com experiências tão variadas, que isso vai ajudar na profissão de escritor.

Ibiapaba — A visão do mundo não depende de profissão, mas de sensibilidade, cultura, experiência, participação, coragem. Esta talvez seja uma das condições mais importantes para que o jornalista tenha uma boa visão do mundo.

— O exercício da profissão de jornalista facilita ou atrapalha o ofício do escritor?

— Loyola — eu descobri uma coisa que pra mim é fundamental: porque o jornalista está muito próximo dum série de acontecimentos do mundo

hoje em dia, ele pensa que está dentro de uma série de situações que se passam numa grande cidade. Mas um dia eu estava cobrindo uma greve, e eu de repente descobri que eu conhecia tudo daquela greve, mas aquela greve não me tocava e eu não sofria as consequências dela. Então o raciocínio é o seguinte: o jornalista vive marginalizado do acontecimento: ele conhece o acontecimento, mas não sofre nenhuma consequência desse acontecimento. Então isso o enriquece, mas por fora. Mas eu não tenho uma experiência mais profunda. Eu acho que, apesar de tudo, a experiência do jornalista é superficial. Eu não penetro dentro da coisa como eu devia penetrar.

Plínio — olha, nada facilita, nem nada impede o escritor de trabalhar. Por exemplo, eu vejo muitos colegas que dizem o seguinte: eu comecei a trabalhar em jornal, e fui envolvido e trabalho 5, 6 horas, e alguns até 18 horas, e quando eu saio não tenho mais condição de escrever. A gente aprendeu, e eu aprendi isso com a Patrícia Galvão, que o que a gente escreve é quase uma necessidade, como comer, dormir, evacuar. É uma necessidade realmente interior. Então nada atrapalha, e nada realmente ajuda fundamentalmente o escritor de vocação, aquele que tem que escrever, porque é uma obrigação. Então ele escreve nas piores condições e sabe exatamente o que vai dizer. Mas hoje, através de concursos, de incentivos que estão sendo feitos neste país, todo mundo que tem mais de um curso de Mobral, resolve escrever. Então escreve coisas que realmente não são obras de escritor, são obras que o cara escreve pra ganhar status. O intelectual brasileiro, que é na maioria um marginal de classe média, sempre tenta ganhar status através de cultura. Então literatura é uma coisa boa porque é cômodo, ele fica na casa dele e tal, escrevendo. Mas nada atrapalha um escritor, nem a censura atrapalha um escritor, sabe, quanto mais a censura censurar, um escritor de verdade vai encontrar mais energia pra dar pau no sistema que o sufoca.

“O JORNALISMO FOI IMPORTANTE PARA O TEXTO”

— Wladyr — vou pegar dois aspectos do problema. Em termos de tempo, ser jornalista eu acho que dificulta a profissão de escritor, porque hoje em dia os jornais e revistas brasileiras estão exigindo muito do profissional, porque com os salários que eles recebem, eles precisam ter 2, 3 empregos, fora os free lancers. Então

é um trabalho muito exaustivo, na redação ou em casa.

Por outro lado, eu gostaria de pegar um outro aspecto, que é a maneira de escrever. A limpeza que o texto do jornalista que se torna escritor, acaba tendo com a prática de jornal. Posso até contar o que aconteceu comigo, quando eu comecei na Folha de São Paulo, eu tinha publicado um livro - Lições de Pânico — que é realmente um livro cheio de adjetivos, advérbios. Fiz um teste logo de cara, e me disseram que tava cheio de adjetivos, muito advérbio, muita vírgula. Então levei uns dois anos pra consertar.

—Mansur — acho que a coisa tem que ser dividida em três aspectos, pra gente poder analisar. Um é aquele que foi levantado pelo Loyola, do envolvimento do jornalista, da visão que ele pode ter, do acesso que ele tem a um determinado tipo de acontecimento como uma greve, um acidente de trem, que a profissão facilita. Embora eu concorde com o Loyola, eu acho que isso vai depender da sensibilidade, de temperamento do jornalista. O jornalista pode até partir da visão da greve e tomar consciência talvez até da impotência dele de poder participar daquele tipo de problema, mas em determinado tipo de jornalismo, de veículo, eu acho que no Brasil neste momento é muito difícil, ele poderia até participar opinativamente, participar com a arma que ele tem que é a máquina de escrever. Então, desse ponto de vista, eu acho que isso aí é um enriquecimento muito grande. A profissão de jornalista enriquece muito tanto a sensibilidade como a atenção, como aemoção, a visão de mundo de um sujeito que é jornalista, que pretende ser escritor, pretende fazer literatura.

— E o segundo aspecto?

— Mansur o segundo aspecto, que é o da linguagem eu acho que é pontoliquido e certo, sabe, esse negócio que o Wladyr falou. Eu conheço uma enormidade de casos, inclusive de escritores que têm vários livros publicados e são considerados bons autores da literatura brasileira, cuja experiência com o jornalismo foi importante no sentido de limpar o texto, de eliminar determinado tipo de coisa. Mas só fazendo uma notícia, só tendo essa pressão de escrever pra jornal, de ser sintético, conciso, é que realmente eles conseguiram transportar isso pra literatura deles e fazer então uma literatura e melhorar sua linguagem. Mas aí eu faço uma ressalva — corre-se um risco muito grande, pois no Brasil é mais ou menos comum isso, do cara achar que pode escrever, só porque é jornalista e tem bom texto. Aí realmente não dá, porque a literatura é mais do que isso. Já se disse



Ibiapaba Martins



Geraldo Galvão Ferraz



Plínio Marcos



Gilberto Mansur



Ignácio de Loyola



Wladyr Nader



Edy Lima

é sempre um profissional com veleidades literárias? É útil para um escritor estagiar no jornalismo? No momento em que o Sindicato está empenhado na realização da Feira do Jornalista-Escritor (veja o quadro), como consequência inclusive do grande número de jornalistas que, ultimamente, tem publicado livros, Unidade reuniu alguns jornalistas-escritores (ou escritores-jornalistas) para um debate sobre o assunto que, evidentemente, se aprofundará durante a Feira. Participaram: Ignácio de Loyola, Plínio Marcos, Gilberto Mansur, Edy Lima, Ibiapaba Martins, Wladyr Nader e o presidente do Sindicato. A coordenação dos debates foi de Geraldo Galvão Ferraz.

a literatura

que a literatura é o último dos territórios democráticos que existem no Brasil, e talvez seja verdade: todo mundo entra impunemente e sai impunemente, publica livros, escreve, porque escrever é mais ou menos uma coisa fácil, basta o sujeito saber manejar uma máquina de escrever ou caneta, ter um curso de datilografia e saber ordenar as palavras, ele pode escrever e achaatêquem edita ou edita com o dinheiro dele. Como se literatura fosse isso. E é realmente uma coisa impune, porque há gente fazendo livro aí que se a gente fosse dar um correspondente em outras profissões, um engenheiro fazendo uma ponte como muita gente tá fazendo literatura, a ponte cairia naturalmente e ele seria responsabilizado e até preso. Acho que é uma faca de dois gumes. O Plínio tem razão no sentido de que não dá pra você dar essa desculpa. O cara que tem que escrever escreve como você sua quando vai suar, e evacua no momento que vai evacuar. É claro, é uma atitude quase que fisiológica, uma necessidade, pra quem realmente é escritor e tem o que dizer. Agora, há gente realmente que fica impossibilitada porque não tem o chamado tempo físico pra sentar e escrever. Mas há também os caras que escrevem sob pressão e isto às vezes faz bem pra eles. Então eu acho que, no fundo, é mais uma desculpa o problema do tempo ser tomado.

“NO BRASIL, O ESCRITOR TEM QUE SER ATLETA”

Loyola — eu queria acrescentar uma coisa. Se a gente dá pro patrão num jornal, numa revista, 8 ou 10 ou 18 horas, como disse o Plínio, então se você é realmente um escritor de verdade, honesto, sincero, porque você não dedica pelo menos 2 horas pro seu trabalho? Porque aí o livro é a sua verdade. Então se eu dou 10 pro outro, eu tenho que dar 2 pra mim. Isso pra concluir que escrever é também um problema de disciplina. Eu aprendi isso e há quinze anos eu tento fazer diariamente duas horas, antes de todo mundo acordar na minha casa e depois de todo mundo dormir. Então quando o mundo está mais ou menos tranquilo eu escrevo. Agora, é uma disciplina. Tem que sentar e escrever, não adianta nenhuma desculpa de tempo ou falta de tempo.

— Plínio — É um escritor com mentalidade de atleta!

— Loyola — mas no Brasil o escritor tem que ter mentalidade de atleta.

— Audálio — tá perfeitamente entendido, eu concordo, que o problema é o vômito. O sujeito é escritor, tem o que dizer, tem o impulso e vai escrever. Mas acho que a gente não poderia deixar de considerar que o sujeito, sendo jornalista, e ao mesmo tempo escritor, para exercer o ofício de escritor vai fazer um sacrifício muito maior do que aquele cidadão que é escritor sem a necessidade de sobreviver nessa profissão, que é excessivamente desgastante como nós sabemos. Isso nos remete ao problema que, talvez, não seja só do jornalista, mas nacional, o do sujeito que para sobreviver neste país como assalariado tem que dar o seu sangue em horas além daquilo que seria necessário.

— Mansur — Coloco um outro problema. A gente tem reclamado que não se pode viver de literatura no Brasil, como não se pode realmente. Mas aí eu fico pensando: se de repente a gente pudesse, a gente quereria realmente? Aí o problema tá colocado pro Loyola, pro Plínio, pro Wladyr, pra Edy, pra todo mundo.

— Edy — eu tô fazendo só literatura. Mas me parece que o bom dessa disciplina que o Loyola falou, é que você adquire disciplina no jornalismo. Eu talvez não fosse tão disciplinada pra escrever se não tivesse passado tanto tempo escrevendo 7 coisas por dia, uma quantidade relativamente grande, dentro de um horário. Isso eu acho que vale muito. A outra coisa que vale muito, pro jornalista que passa a ser escritor, é a linguagem. Realmente a gente fica com a linguagem limpa, não tem muito que cair em rodeios.

— Plínio — mas aí está se tratando de pessoas que realmente gostam de escrever e que sentem necessidade de escrever, que nem você e Loyola.

O que ocorre muito com jornalistas, é que o cara consegue até um bom texto porque é descontraído, e quando ele senta pra fazer o que ele chama de literatura, ele quer fazer genialidade. E daí ele se enbana. Esta mentalidade tá um pouco na profissão de jornalista. De repente o cara, porque tem que escrever todo dia uma matéria que não é o ideal dele, vai faltando inconscientemente com o respeito ao público dele e a ele mesmo. E vai escrevendo de qualquer jeito e sem perceber ele assume um estilo de jornalista claro, bom, quase mecânico. Um estilo que não o atrapalha. Ele faz isso sem a preocupação de fazer estilo. E quando ele vai pra literatura, realmente ele

quebra a cara porque ele quer ser genial. E aí fica complicado e duro. E isso então é um caso de cada um. Se o cara tem lucidez pra ser escritor, o cara sabe o que vai fazer, entende. Nem um escritor pode ser bom jornalista, apenas por ser bom escritor, nem um jornalista vai ser escritor por que é bom jornalista.

Edy — eu só acho que nessa opinião do Plínio escapou que ele está falando dum mau jornalista e dum mau escritor.

Plínio — Tempo! Só que eu estou falando na maioria.

Audálio — em que foi importante pra vocês, como jornalistas, sentirem o momento da necessidade de escrever, se o contato com os acontecimentos, que o jornalismo dá, foi importante pra vocês passarem a produzir literatura?

“EU QUERIA SER UM REPÓRTER. ERA SÓ O QUE EU QUERIA”

Loyola — eu queria escrever e gostava de escrever muito antes do jornalismo. O jornalismo então entrou como uma maneira de desenvolver uma coisa que eu gostava e de ter uma profissão paralela àquilo que eu queria fazer. Depois mais tarde, já na Última Hora, é que eu descobri que as coisas que eu não podia dizer em jornal, de jeito nenhum, eu talvez pudesse dizer em livro. Então, vamos dizer, aquele retrato de realidade que eu conhecia e que eu não podia denunciar no jornal, nem que eu tivesse o meu jornal, como dizia o Samuel Wainer, “se você quer escrever as suas coisas, funde o seu jornal”, nem que eu fundasse o meu jornal não poderia dizer. Então eu passei a escrever histórias em que eu retratava, tentava denunciar aquelas coisas que eu via, e eu tentava denunciar da melhor forma possível, quer dizer, tentando criar um estilo meu, desenvolver uma forma minha. É aí que eu vejo a minha relação com o jornalismo. O que o jornal, aonde eu não pude me completar no jornal, eu tentei passar isso pra literatura.

Plínio — o meu caso foi ao contrário. Eu senti necessidade de ser jornalista porque já tava morrendo de fome como escritor. Mas a verdade é que desde o meu ponto de partidas que foi minha peça Barrela, eu já declarava que eu queria ser um repórter. Era só o que eu queria ser. E por força das circunstâncias eu entrei por teatro e também por força das circunstâncias entre pra literatura.

ra. E quando eu fui pra jornal eu realmente tentei fazer reportagens e mesmo quando era colunista tentava fazer reportagens, porque eu acho que a coisa mais linda é realmente a profissão de repórter, de repórter honesto que vai, vê e conta as coisas como ele viu. E nunca quis outra coisa, nunca tive intensão de ser outra coisa. Só que usei estilos diferentes pra fazer reportagens. Quase que nem o Loyola disse aí. Então as minhas peças todas são realmente um pedaço da realidade, uma reportagem feita às vezes aproveitando diálogos, o modo das pessoas falarem naquele ambiente. Mas eu nunca passei dum repórter. E esse meu último livro é uma reportagem um pouquinho mais sofisticada, porque eu consigo no fim dar a minha opinião sobre o que a gente pode fazer pela miséria.

Wladyr — Eu comecei publicando um livro, como eu já falei, depois é que fui pro jornal e levou dois anos pra eu conseguir ajeitar o estilo.

Mansur — sou um autor inédito... Eu fico pensando se a gente que está fazendo literatura, deixaria o jornalismo pra fazer só literatura, se houvesse possibilidade de fazer isso. Embora inédito até hoje, eu sempre fiz literatura, desde muito antes de pensar em fazer jornalismo. Jornalismo é sei lá, apareceu porque era mais ou menos uma coisa afim. Eu achava que o que eu sabia fazer navida era escrever, não se podia viver de literatura então fui fazer jornalismo. E pretendo fazer sempre, embora eu esteja convencido, se a coisa pudesse ser dividida, se me colocassem a pergunta se eu sou um escritor ou um jornalista, eu acho que eu sou um escritor e vou ser sempre, ainda que não publique nada. Vou continuar fazendo a minha coisa em casa, nas minhas madrugadas. Se houver algum dia a possibilidade de fazer só literatura, não sei se eu vou querer, vou querer continuar fazendo jornalismo também, que eu acho que é uma forma de certa maneira, de fazer



literatura, como literatura é uma forma de fazer jornalismo.

Plínio — tenho uma observação a fazer: a nossa geração era uma geração de escritores que iam fazer jornalismo porque acreditavam que jornalismo também podia ser uma forma de literatura. E a geração de jornalistas que tá vindo aí é uma geração de escritores, que na falta de lugar para escrever entram pra faculdade de comunicações.

Edi — Eu escrevia desde criança. Quer dizer, profissionalmente eu fazia as duas coisas ao mesmo tempo. Eu comecei na Revista do Globo e o mesmo número que publicou um conto meu me deu um emprego de jornalista. Então pra mim as coisas estão misturadas... Eu sabia que precisava de um emprego e queria que fosse a coisa que tivesse mais perto da literatura, e que era escrever. E escrever era fazer jornalismo.

— Valerá a pena ser escritor e atingir um público de no máximo 5, 10 mil pessoas, se como jornalista você atinge um público 10 vezes maior pelo menos?

Plínio — a bem da verdade eu nunca tive público nenhum porque sempre trabalhei em jornais de pouca tiragem. Então eu pulo isso. Agora, a vantagem da literatura, é que você

pode dizer exatamente o que você quer dizer. Então você pode ter o seu livro proibido ou não editado, essas coisas, mas você tem consciência que disse o que queria dizer. No jornal, atualmente, é aquela coisa que todo mundo diz: olha, a pena é livre e o papel tem dono. Então fica nessas coisas e você sempre leva uma certa frustração de não poder ir até as últimas consequências das coisas. Então essa que é a diferença, e por isso que a literatura, por exemplo, eu acho que é muita bondade tua dizer que a gente atinge 5, 10 mil pessoas, eu acho que atinge muito menos, mas não tem importância, porque se você atingir 4, 5 pessoas, com todo o impacto que você pode através da literatura, você acaba contribuindo pra formação de opinião. Coisa que não acontece às vezes no jornal, onde você é obrigado a fazer a matéria que é fria pra você, onde você não dá nada de si.

Loyola — eu acho que o problema tem um outro aspecto. Você atinge 80, 90 mil pessoas, isso também é um otimismo, porque os jornais hoje estão vendendo 30 mil, mas você atinge durante 24 horas, que é o tempo exato de duração de uma notícia, de uma reportagem em jornal. Pelo

menos com o livro você tenta atingir 2, 3 mil pessoas, e num prazo muito maior. E a gente escreve um livro pra ter uma certa duração aquela coisa que a gente quer passar. E é provável que através do tempo você atinja muito mais, 10, 20 ou 100 mil pessoas, eu acho que inclusive essa pergunta é um problema de duração ou não. Não adianta eu atingir 80 mil em 12 horas e me interessa atingir 5 mil em 20, 10 anos, sei lá quanto tempo vai durar isso.

Ibiapaba — Não acredito que um jornalista de um jornal de 100 mil exemplares seja mais lido que um escritor de mil exemplares editados. E vocês todos se lembram do escritor que escreveu que preferia ter apenas cem, mas cem bons leitores.

Wladyr — eu desconfio muito das estatísticas, tanto de venda de jornal quanto de venda de livro. Realmente eu acho que o autor nacional está escrevendo pra 2, 3 mil leitores, agora. Mas acontece que tá havendo assim uma repercussão da literatura, eu tenho a impressão que o público anda aumentando. E hoje você pode publicar um livro que venda 2, 3 mil exemplares, mas você pode publicar um conto numa revista e atingir 150, 200 mil leitores. E o leitor desse tipo de revista tá mais ligado na literatura e eu tenho a impressão que dá pro autor uma satisfação que pode ser comparada a essa leitura de jornal diário.

Mansur — eu acho que o escritor é um fermento na massa. E os últimos acontecimentos político-sociais e culturais nesse país nos mostraram, pra usar um outro lugar comum, que a pressa é inimiga da perfeição. Então acontece o seguinte, o trabalho do escritor é um trabalho a longo prazo, porque você acende uma lâmpada para um pequeno grupo, e se cada um desse pequeno grupo for sair e for acender pra outro pequeno grupo, assim você atinge muito mais com o tempo. Pois atingir a massa de uma vez é uma coisa impraticável. Este debate continua no próximo número do UNIDADE.

NA FEIRA, LIVROS, DEBATES E ATÉ AUTÓGRAFOS

Os temas debatidos na mesa-redonda dos jornalistas-escritores e tantos outros relacionados com os encontros e os desencontros entre o jornalismo e a literatura, serão aprofundados durante a 1ª Feira do Jornalista-Escritor. A Feira é promoção do Sindicato em colabo-

ração com a Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, União Brasileira de Escritores e a Câmara Brasileira do Livro e vai de dez de setembro a 11 de outubro, na sede do Sindicato. Seus propósitos: ampliar o debate sobre a participação do jornalismo na cultura brasileira e dar maior divulgação às obras já publicadas de jornalistas profissionais no Estado.

Durante a feira permanecerão montadas três exposições: sobre os jornalistas escritores já falecidos e suas obras (a UBE elaborou uma monografia desses autores; outra de obras esgotadas de autores vivos e uma terceira com venda de obras recentes).

NOITE DE AUTÓGRAFOS

Estão também previstas noites de autógrafos, conferências e debates sobre todos os campos culturais. As conferências começarão dia 13

de setembro, e prosseguirão todas as segundas-feiras, até 11 de outubro.

Temas: Jornalismo e Literatura; Literatura, tema de jornal, Jornalismo como fonte de inspiração literária, literatura, futuro do jornalismo? língua e linguagem. As noites de autógrafa acontecerão às 4ªs e 6ªs, a partir de 15 de setembro.

Para você participar da Feira preencha a ficha de inscrição que o Sindicato está enviando a todos os associados e envie-a à Secretaria, até dia 25. Você também pode obter maiores esclarecimentos na sede do Sindicato, ou pelo seu telefone: 257.1633.

PRÊMIOS

Outra notícia com relação ao tema literatura: Redatores e repórteres poderão ganhar prêmios de Cr\$ 16 mil e foto-

grafos, de Cr\$ 7 mil com trabalhos sobre a IV Bial Internacional do Livro, que se realizará no parque do Ibirapuera de 13 a 22 deste mês. Os prêmios fazem parte do Concurso "Jornalista e Escritor Monteiro Lobato" instituído pela Câmara Brasileira do Livro e organizado pelo Sindicato de Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. E tem como objetivo estimular o interesse dos profissionais dos jornais, revistas, rádio e televisão pela IV Bial Internacional do Livro; valorizar o trabalho do jornalista e sua efetiva contribuição à cultura nacional; contribuir para o estreitamento dos laços de amizade entre os países representantes na Bial.

O concurso tem quatro prêmios: "Afonso Schmidt", no valor de Cr\$ 16 mil para o melhor trabalho de redação ou conjunto de trabalhos sobre a Bial, publicado em

jornal ou revista; "Heron Domingues", de Cr\$ 16 mil para o melhor trabalho divulgado pela televisão; "Corifeu Azevedo Marques", também no valor de Cr\$ 16 mil para o melhor trabalho divulgado por emissoras de rádio; e o "Armando Barreto", de Cr\$ 7 mil, para a melhor fotografia sobre a Bial (de preferência já publicada).

De acordo com o regulamento, poderão concorrer — desde que inscritos — os trabalhos publicados ou divulgados no período compreendido entre 27 de julho — data do lançamento oficial do concurso — até o dia 25 de agosto. Cada concorrente poderá participar com até três trabalhos. As inscrições estarão abertas até o dia 31 de agosto na sede do Sindicato. O julgamento será feito por cinco jornalistas profissionais indicados pelo Sindicato, e os resultados serão divulgados até o dia 10 de setembro. Detalhes em nossa sede.

Mulher que trabalha na imprensa
reduz o nível salarial, diz um diretor.
Outros apresentam as razões.

MULHERES: AS BÓIAS-FRIAS DA IMPRENSA?

A participação da mulher em todos os setores da atividade humana, fora dos limites do lar, começa a crescer quando o desenvolvimento industrial exige mão-de-obra em grande escala. Ela, que foi sempre destinada a tarefas "menores", como a manutenção do lar, e colocada fora da força produtiva, é solicitada a dar sua contribuição, embora essa contribuição seja um reflexo de suas ocupações domésticas. Assim, a mulher sempre vai desempenhar funções que, de uma ou outra forma, estejam ligadas à sua tradição doméstica. Em todos os setores, também nas profissões liberais, a ela são destinadas funções mais "leves", menos criativas, mais "tipicamente femininas", que não oferecem perigo.

Isto também ocorre no jornalismo, da palavra escrita à falada. Na televisão, em geral, assuntos sérios são vedados à mulher apresentadora, "pois não tem credibilidade" (Visão, 23.9.74). Quanto aos salários, refletem essa situação. Um editor da Folha de São Paulo afirma que as mulheres são normalmente empregadas para reduzir o nível salarial: "Creio que elas não pressionam o mercado jornalístico porque, visto de fora, ele dá a impressão de ser um mundo fechado, onde só se consegue entrar através de relacionamento com pessoas do meio."

Em relatório apresentado em outubro de 75, durante debate sobre a profissionalização da mulher, na reunião da SIP, Fátima Ali assinalava que "no item salário, a mulher também sofre discriminação, pois o próprio aumento do número de estudantes de jornalismo e a saturação do

mercado, que também atravessa crise econômica, provoca decréscimo nos níveis salariais. E a mulher, que em muitos casos não depende de seu salário para sobreviver, já que conta com a renda dos pais ou maridos, aceita uma remuneração que nenhum homem aceitaria".

A opinião é compartilhada por Laerte Fernandes, assistente executivo do editor chefe do Jornal da Tarde: "Na defesa de seu salário, as mulheres são tão agressivas quanto os homens, só que eles têm um argumento a mais: são chefes de família. A mulher, se solteira tem pai, se casada, o marido. Não tem portanto tanta necessidade. E isso se constata na hora de procurar estágio: os homens, já no segundo ano, as mulheres esperam o final do curso."

Para Waldimas Nogueira Galvão, jornalista, por algum tempo ocupando a função de gerente de RH — departamento pessoal — da Abril, as mulheres sempre estiveram afastadas da disputa de cursos superiores, e isso as coloca numa posição de inferioridade na disputa de mercado de nível superior. "Elas caíram nos cursos de menor procura, na área de ciências humanas, e tudo isso se reflete na hora de disputar o emprego. Ela não foi preparada para competir, então age na base do oitô ou oitenta. Ou vira estrela, ou é subserviente."

Waldimas acha, porém, que dentro de dez anos as mulheres dominarão o mercado, pois serão em maior número nas redações (75% dos estagiários da Abril são mulheres. Oliveiros Ferreira, secretário geral de O Estado, concorda. Para



ele, as mulheres estarão em postos de chefia nos próximos dez anos, considerando-se que há mais mulheres do que homens no mundo. Acha que as mulheres são menos reivindicativas, pelo menos abertamente. "Nas entrevistas são persistentes e até mais impiedosas que os homens, e nas reportagens sociais, os homens fazem melhor, são mais comedidos."

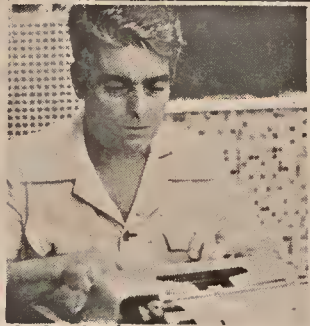
Pelo que vê em O Estado, ele acredita que o único campo ainda inacessível seja o setor de economia, "porque esta carreira universitária ainda não atrai a mulher". E fica-lhe uma dúvida: se nas especializações verdadeiramente técnicas, a mulher teria condições de se desempenhar com sucesso. Tudo se resume a um problema ainda não resolvido: "trata-se de um fator biológico ou de educação (condicionamento), a secular submissão ou inferioridade da mulher?" Oliveiros quer crer que seja um fator cultural, mas também não deixa de lado a natureza. "Em jornalismo, sobreviverá o que tiver mais condições para suportar a rotina" (ele acha o jornalismo uma terrível rotina) "e isto não quer dizer condições biológicas? Será que não?"

Uma coisa ele garante: no Estadão,

repórter A ganha o mesmo que repórter A, homem ou mulher. Uma das primeiras coisas que Oliveiros diz às suas repórteres novas: "Homem fala palavrão e passa cantada. Fora isso tudo bem."

Para Woile Guimarães, um dos editores do TV Guia, há uma aparente igualdade entre o trabalho das mulheres e homens. "Aparentemente porque, na verdade, as mulheres, — e falo por experiência própria como chefe de meia dúzia de moças que chefiar e chefiar — são mais dóceis, não reclamam, enfrentam qualquer parada, por isso são exploradas. Cabe-lhes serviços difíceis, duros, às vezes grandes jornadas de trabalho. Nunca vi uma mulher que reclamasse do serviço que eu lhe passava: eu sentia um quê de agradecimento por estarmos lhe dando aquele trabalho, símbolo talvez, do trabalho em si, que foi por ela conquistado, meio inconscientemente".

Woile reconhece que ainda há muitos preconceitos. "Preconceitos que cabe à mulher superar, como ela tem feito até agora: enfrentando-os na linha de frente, em busca da igualdade... de salários, já que de trabalho somos todos iguais."



J. S. Vanni:
"não fosse a censura,
não teríamos a crise
de petróleo no Brasil".

Como nasce um bom repórter? Quais são as qualidades necessárias para se formar um bom profissional? As opiniões são diversas e variam quase sempre de acordo com os objetivos a que se propõe um veículo de comunicação. Entretanto existem determinadas características que podem ser consideradas como fundamentais para formação deste tipo de profissional da imprensa: a insistência, a curiosidade, o espírito de investigação e a isenção, são algumas delas.

Antes da regulamentação da profissão e da criação de um maior número de escolas de jornalismo no País, o repórter era detectado por uma conjunção de situações que variavam desde qualidades pessoais e aptidões até a amizade com o dono ou funcionários mais graduados nas empresas. O "faro", a capacidade de detectar um assunto, entretanto, sempre foram qualidades indicativas de um bom profissional.

Até hoje, muitos velhos repórteres conservam com orgulho a pecha de chatos reniten-

Peixinhos de aquário criam especialista

tes, pela insistência e curiosidade que caracterizam seus trabalhos.

É o caso por exemplo de José Setembrino Vanni, ex-cantor de cabaré, ex-cabo da PM, ex-pianista e funcionário público, "um simples corintiano semi-alfabetizado" — como ele próprio se denomina — que por sua "insistência e chatices" se tornou o primeiro repórter, da área de economia do jornal Folha de São Paulo, a se especializar em comércio exterior. A especialização de Vanni em comércio exterior começou por curiosidade, como ele próprio contou. Repórter da geral — sempre na Folha onde começou sua carreira e até hoje permanece responsável pela cobertura do aeroporto de Congonhas, um dia foi à alfândega para levantar dados para uma matéria sobre um contrabando de mentol. Ao passar pelo balcão da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex) viu sobre ele inúmeras caixas de papelão contendo pequenos sacos plásticos de água, com peixinhos ornamentais. O fiscal, ante a sua curiosidade, explicou tratar-se de uma exportação para a Argentina. Foi sua primeira matéria sobre o comércio exterior brasileiro: "Três mil peixes deixam o país pelo ar", foi o título.

A partir desse momento a Folha começou a perder o repórter que lhe dera oito manchetes de 1ª página em sete meses, com entrevis-

tas de figuras políticas da época e a ganhar um especialista em exportações. Entusiasmado com a perspectiva de um trabalho novo e diferente, Vanni decidiu pedir a seu chefe uma coluna permanente sobre o assunto. A proposta foi recebida com espanto, mas em razão de sua insistência e como não se tratava de um pedido de aumento salarial, suas ponderações foram ouvidas. Algum tempo depois, Vanni recebia o pedido para a primeira matéria. "Mande brasa e, com o coração na mão, aguardar a publicação durante uma semana. Finalmente, em um domingo, ela saiu na seção de Economia; título em oito colunas, capa de caderno e assinada! Depois disso nunca mais parou de sair."

As minhocas e o xisto betuminoso

A vida profissional deste ex-cantor de cabaré que uma noite, cantando "Granada", deixou o célebre Carlos Ramirez entusiasmado, não foi somente de rosas. Muitas matérias levantadas por sua curiosidade permanente receberam críticas, gozações e censuras de colegas e do próprio jornal; entre elas uma sobre a importância da minhoca na economia nacional e outra sobre a industrialização do xisto betuminoso. As duas tiveram ampla repercussão tanto na redação do jornal quanto no resto do País.

A matéria sobre as minhocas, um assunto aparentemente inexpressivo, chegou ao ponto de polarizar discussões; Vanni defendia o ponto de vista de que as minhocas não deveriam ser exportadas. As reportagens sobre a industrialização do xisto betuminoso no Vale do Paraíba em 1969 entretanto, são aquelas que deixaram para o repórter as maiores mágoas. Nestas matérias pela primeira vez, Vanni sentiu o peso da censura exercida pelo próprio jornal, sendo obrigado a abandonar o assunto. A proibição seria revogada algum tempo depois.

Ao lembrar este episódio, hoje, Vanni, convencido de sua correção naquele momento, sorri de seus censores e comenta: "Se tivessem me ouvido, o país não estaria sofrendo tanto, atualmente, com a alta dos preços dos combustíveis".

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, hoje, Vanni, com 16 anos de experiência profissional e uma coluna sobre "Comércio Exterior" no jornal Folha de São Paulo já consolidada, continua sendo o novato, o setorista percorrendo diariamente suas fontes e descobrindo novas matérias. Para ele o repórter "não deve nunca desprezar uma informação, por mais absurda que pareça, mesmo que possa significar o ridículo, porque onde há fumaça, há fogo".



Aos jornalistas as funções de jornalistas

Segundo Informação Jornalística, órgão oficial da Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais (mai-jun de 76), "o ministro Quandt de Oliveira prometeu à diretoria da entidade nacional (e cumpriu)": determinou ao Dentel, através de portaria, que nas inspeções de rádio e televisão, verifique se as funções de jornalistas estão sendo desempenhadas por jornalistas, de conformidade com o Decreto-Lei 972-69. O órgão da Federação orienta todos os presidentes de sindicatos no sentido de, em cada Estado entrar em entendimentos com a delegacia local do Dentel, para que sejam coibidos os casos de inobservância da legislação vigente.

Piracicaba: um salão para profissionalizar o humor

1.200 trabalhos foram apresentados à comissão de seleção do III Salão de Humor de Piracicaba, patrocinado pelo Departamento Municipal de Turismo, que distribuirá Cr\$ 107 mil entre os 120 trabalhos selecionados para serem expostos a partir do próximo dia 21 de agosto, no teatro São José.

A história do Salão de Humor de Piracicaba começou há três anos, quando foi realizado o primeiro, em sucessão às preocupações locais em discutir Belas Artes e Arte Contemporânea.

A partir do I Salão a atenção dos cartunistas brasileiros convergiu para a cidade, que hoje oferece como atração principal o maior prêmio concedido no Brasil ao humor gráfico: Cr\$ 70 mil.

Este ano, para selecionar os 120 trabalhos, foram convidados: Jaguar (O Pasquim), Reinaldo Jardim (TV Paraná) e Jacob Klintonitz (Jornal da Tarde). Da comissão de premiação, que se reunirá dia 20, ainda fazem parte Mino Carta (Isto é) e Sonia Hirsch (Rio Gráfica Editora).

Paralelamente à exposição das peças premiadas, haverá mostras especiais sobre o humor inglês e o humor americano, através das publicações Punch e Mad.

No dia 22, encerrando o III Salão do Humor de Piracicaba, será realizado um encontro de cartunistas brasileiros, onde será discutida a questão do reconhecimento legal da profissão de cartunista. Além de Audálio Dantas, presidente do Sindicato dos Jornalistas, confirmaram suas presenças para este encontro, os seguintes cartunistas: Laerte, Chico e Paulo Caruso, Hilde, Bigantti, Angeli, Luis Gê, Otávio, Nicolielo, Aley, Geandré, Massao, Jota, Racy, Fraga, Mário Vale, Nani e Solda.

A TV chegou às bancas

Depois de quatro meses de trabalho, durante os quais foram feitos sucessivos números zero, vários deles datilografados e três impressos em cores, a editora Abril lançou mais uma revista, TV Guia, para circulação restrita inicialmente à região Rio - São Paulo. O aparecimento dessa nova publicação semanal é resultado de um projeto muito bem cuidado no qual trabalharam mais de cinquenta jornalistas, produzindo cada número-piloto com o mesmo empenho que produziram o número um (340.000 exemplares). A proposta básica de TV Guia: abordar o assunto televisão sem preconceitos, com o máximo de informações objetivas sobre o veículo que atinge, hoje, milhões de pessoas (só na região atingida pela revista existem mais de 6 milhões de televisores).

Políticos e usineiros querem jornal

Segundo o Jornal do Sindicato, órgão oficial dos companheiros pernambucanos, foi encontrada uma solução para a crise que envolve o Jornal do Comércio há vários meses. Em sua edição de julho último, aquele jornal informa que estão praticamente concluídas as negociações para que um grupo de empresários pernambucanos adquira o controle acionário da Empresa Jornal do Comércio S.A. As informações divulgadas não são definitivas e dependem de um levantamento fiscal na administração da empresa. Mesmo assim, diz a notícia que o secretário de imprensa do governador Moura Cavalcanti liberou a informação para publicação. E que os interessados na aquisição do tradicional jornal pernambucano seriam: Antonio de Arruda Farias (atual prefeito de Recife), Gilson Machado (Usina Matary) e José Ivanilo (Usina N.S. de Lourdes).

É triste, mas parece que o caminho é este: empresários de jornais devem ser substituídos por políticos e usineiros.

Nossos fotógrafos sem escola e mal pagos

"Nossos fotógrafos, mal pagos e sem escola" é o título de uma matéria publicada no último Cooperjornal, editado pela Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre. A matéria parte do princípio de que os fotógrafos gaúchos são considerados como os melhores do Brasil e procura discutir como eles se formam. Depoimento de Assis Hoffmann, um deles: "O fotógrafo do Rio Grande do Sul (e do Brasil também) se forma na marra, é um autodidata. Ele não tem uma escola para aprender, não tem quem o oriente, não encontra apoio nas empresas jornalísticas que não querem investir, porque não têm interesse em bons profissionais, enfim, ele acaba fotógrafo de teimoso. Se ele vai ser bom ou ruim, depende menos do talento do que do esforço pessoal". Depoimento de Jacqueline Joner: "Na Zero Hora, no ano em que entrei lá, passaram nove mulheres que não aguentaram a barra. É simplesmente insuportável, inclusive um certo tipo de brincadeira".

Palmério foi à terrinha contar coisas...

O Jornalista, órgão oficial do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Pará, publica em sua edição de junho último, entrevista com Palmério Dória de Vasconcelos, sobre censura, o EX, Mais Um e as perspectivas da imprensa brasileira. Natural do Pará, Palmério deu uma resposta bem direta aos seus conterrâneos, sobre como ele vê a guerra imprensa brasileira X censura: "Que guerra? Do jeito que as coisas vão, os jornalistas de oposição acabam sendo colocados numa reserva do Parque 'Xingu, pra turista ver'".

Revista sem foto ufanista

É do Rio Grande do Sul que chega mais um exemplo: jornalismo empresarial não-ufanista: a foto de capa do número 3 da revista Agricultura & Cooperativismo, da Fecotrig (de Gerson Schirmer), não se preocupa em mostrar apenas a beleza estética de um produto agrícola. Pelo contrário até, ela exibe a amargura de uma criança, provavelmente filha de um agricultor, tendo algumas espigas de milho no colo. A matéria (Milho: o preço vai compensar o novo esforço?), que ocupa oito páginas da publicação, procura discutir todos os problemas da produção, industrialização e consumo de milho.

Coisas baianas, em off-set

Coisa nostra, publicação quinzenal baiana cujo número 1 circulou na segunda quinzena de junho último, é um jornal cuja versatilidade já pode ser constatada no número dois. Enquanto a matéria principal do primeiro. (E o ônibus que não vem? tinha um alentado texto distribuído por três páginas, no segundo número a matéria de capa (O consumidor é um idiota) é constituída de um pequeno editorial, uma página dupla de cartoons e diversas piadas espalhadas por toda a publicação. Se os baianos continuarem a variação, vamos ter, em breve, poesia transformada em matéria jornalística quente. O que é bom.

Cultura impressa vende livros

Já em seu segundo número, Livraria Cultura Impressa é o jornal que a Livraria Cultura lançou, em distribuição gratuita, para ajudá-la a vender livros. A publicação além de publicar reportagens sobre os problemas dos autores brasileiros de livros, informa sobre tudo o que acontece no mercado editorial e apresenta entrevistas com escritores. O segundo número de jornal, em novo formato e com maior espaço, dá conta dos resultados provocados pelo jornal, num anúncio inserido nele próprio: "Para você ficar mais à vontade, a Livraria Cultura vai aumentar".

Mineiros boicotam até a igualdade

"Até que o governo passe a considerar a imprensa interiorana em pé de igualdade com a da capital, os jornais e rádios que participaram do 1º Encontro de Jornalistas do Interior de Minas, não mais deverão publicar "releases" oficiais, exceto os de utilidade pública". A afirmação (textual) é do Diário do Oeste, de Divinópolis (MG), de 8 de julho último, cujo número seguinte, o de 15/7, enfatiza a posição assumida na primeira assembléia da Associação Regional de Imprensa do Centro Oeste de Minas - ARICO, com um editorial de primeira página - "Editorial da Arico", concluindo assim: "Pois, agora, a recomendação do 1º EJMG é para ignorar esses "releases" e essas cartas, por mais polidas que sejam, só atendendo os casos determinados por lei e os que venham de encontro ao interesse do leitor".

Os Caetanos da imprensa baiana

Hilton Libos, brasileiro, vinte e poucos anos, esteve na Alemanha durante alguns anos, casou-se, garantiu um auxílio-desemprego durante um certo período e acabou voltando ao Brasil. Foi para o EX, mais tarde Mais Um (por um número só) e sumiu de São Paulo. De repente, aparece com seu nome no expediente de Boca do Inferno, tablóide baiano com pretensão de ser na imprensa o que foram Caetano & Cia. na música (segundo Henfil). Vale a pena ser lido este número 1, com data de julho de 76. Tem depoimento do comissário Manoel Quadros, indigitado chefe do Esquadrão da Morte da Bahia; tem história da desnaturalização da Indústria de Cigarilhas Leite Alves; reportagem sobre homens que viveram dos ringues de lutas olímpicas; depoimentos de índios do Maranhão que foram à Bahia em busca de ajuda; futebol baiano e ensaio fotográfico sobre seca, por Agliberto C. Lima. Tudo, com muito fôlego.

Congresso trouxe novos jornais

Além de todos os outros bons resultados advindos do XVI Congresso Nacional de Jornalistas Profissionais, realizado de 2 a 5 de junho último, em Curitiba; outro mais deve ser acrescentado à lista, pois acaba de sair o primeiro número de Expressão, órgão oficial do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná. Com 12 páginas e data de julho/76, a nova publicação confessa, em seu editorial de primeira página, haver nascido em decorrência da "movimentação trazida pelo Congresso", que ajudou, também, "fornecendo bastante material" para publicação.

Durante a realização do Congresso o Paraná conheceu outro jornal de e para jornalistas: Documento Zero.

Jornal de empresa: prêmios que eles merecem

Audálio Dantas e mais os nossos companheiros José Yamashiro e Edson Rodrigues Chaves, além do professor José Coelho Sobrinho (Artes Gráficas - USP) e os empresários Alcides Klein (Saab Scanis do Brasil S.A.) e Jayme Pizza do Amaral (Aberje) formaram o júri que atribuiu prêmios (pergaminhos e medalhas) às melhores publicações empresariais do País, conferidos pela Aberje - Associação Brasileira de Revistas e Jornais de Empresa. Relação dos premiados: Melhor revista interna - Milionário, da Refinações de Milho Brasil; Melhor revista externa - Sua boa estrela, da Mercedes Benz do Brasil; Melhor jornal interno - Panorama, da G.M. do Brasil; Melhor jornal externo - Cotrijornal, da Cooperativa Tricóla Serrana; e Melhor boletim interno - Eucastor, da Eucatex S.A.

UNIDADE SINDICAL. É ISSO AÍ.

Catalisando anseios e reivindicações, o empresariado comercial criou duas entidades que há 30 anos vêm proporcionando a milhões de brasileiros meios para a melhoria de suas condições de vida e de sua capacidade profissional.

O SESC e o SENAC de São Paulo, produtos de uma mentalidade que tantos caminhos abriu para o País, sentem-se muito à vontade para fazer apologia da união em torno dos mais altos objetivos do Brasil, pois são o melhor exemplo de como isso frutifica.



Federação do Comércio do Estado de São Paulo
Centro do Comércio do Estado de São Paulo
SESC - Serviço Social do Comércio
SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SDP

Malhação geral: uma defesa

UNIDADE, fogoso e vibrante, motiva a gente... e quem não se sente motivado a participar de tudo isso??? Pois, estou sendo levado a falar de um montão de coisas, picado por UNIDADE. Em primeiro lugar, a propósito da VII Semana de Estudos de Jornalismo. É pena que o título da matéria ("Os alunos da ECA criticam a Semana") tenha encoberto grande parte do conteúdo, deixando ver apenas a crítica de um grupo de alunos. Uma questão de angulação, (válida?) o que demonstra a parcialidade do repórter-redator, na seleção de ângulos, na eleição de idéias, na hierarquização de fatos, etc. e tal. Gostaria de dizer rápidas coisas a respeito da Semana: 1. os alunos foram convidados para participarem da Comissão de Organização; 2. A semana, mesmo promovida pelo Departamento de Jornalismo e Eutoiação da ECA - USP, tem se destinado a alunos de jornalismo de todo o País; 3. não é verdade que os alunos da Cásper Líbero tenham sido dispensados para participarem da Semana. A verdade: apenas os alunos dos 5ºs semestres foram dispensados; 4. houve completa liberdade de discussão e o tema Censura foi amplamente debatido pelos expositores e participantes (37 expositores); 5. a Censura foi discutida em semanas anteriores, sendo aliás, tema central de uma das Semanas. Elegê-lo como tema central desta VII Semana seria cair na repetição. Mesmo assim, como já frisamos, a questão foi amplamente debatida; 6. esta temática - especialização - foi escolhida depois da realização da última semana, quando foram feitas algumas considerações, como ainda considera, que o tema especialização no jornalismo deve ser objeto de discussão constante entre alunos, jornalistas, professores de jornalismo. Aliás, os debates comprovaram a necessidade da discussão em torno deste assunto, tanto que se chegou a grandes conclusões, inclusive porque sobre determinadas premissas, os expositores não quiseram firmar posições. Até o Sindicato, através do presidente Audálio, não firmou posição definitiva a respeito da controvérsia: o jornalista especializado em Medicina ou o médico? o jornalista especializado em Economia ou o economista?

Vamos, agora, a observações mais gerais. O jornal UNIDADE tem feito um trabalho de conscientização em torno da necessidade de se buscar um modelo ou um acervo de idéias para as nossas Escolas de Comunicações. A polémica está travada. E eu quero entrar nela. Parece que duas ou três idéias centrais têm conduzido as discussões: 1. os currículos dos cursos não correspondem a nossa realidade; 2. a função dos jornalistas na sociedade deve ser reolocada de acordo com esta realidade. E os subtemas desses dois pontos nos oferecem discussões em torno de saturação do mercado de trabalho, proliferação das Escolas de Comunicação, dicotomia entre teoria e prática, espe-

"A polémica está travada. E eu quero entrar nela", disse Gaudêncio Torquato, jornalista e professor de Jornalismo em carta endereçada ao Sindicato sobre as análises que UNIDADE vem fazendo das Escolas de Comunicação. Publicando a carta, UNIDADE abre a polémica para mais um participante e continua fiel à sua linha de submeter a formação dos jornalistas ao debate crítico.

cialização, ou ainda, estágios, níveis salariais, regulamentação da profissão, etc.

Não quero ditar coisas, mas acho que estamos vivendo um momento de "neurose comunicativa". Em primeiro lugar, estamos querendo substituir o conteúdo pela forma. O que impressiona, hoje, é o nome da disciplina, o que vale é a "pirotecnia" dos símbolos visuais, as cores são mais importantes do que a massa. (Há uma Escola que tem em seu currículo as disciplinas Comunicação Fabular e Comunicação Icônica - para significar a forma, esta que é a terminologia, que acaba tomando conta das discussões entre professores e alunos, é secundária. O ponto principal diz respeito ao conteúdo.

Ora, todos sabemos que copiamos o modelo norte-americano de ensino de comunicação. Na experiência americana, os cursos de comunicação dedicam os dois primeiros anos à cultura geral orientada e os últimos às experiências profissionalizantes. Mesmo nos últimos anos, os americanos dedicam grande parte de seu tempo ao aprofundamento da cultura geral. O modelo norte-americano foi adotado por uma questão de pragmatismo e por pressão de editores de jornais, preocupados com os aspectos técnicos do aprendizado. No Brasil tivemos, inicialmente, uma aproximação com as áreas de Letras e Filosofia, sem contarmos com pessoal especializado, ficamos no início, numa orientação essencialmente teórica, livresca, literária. Até que, em outubro de 1969, o Conselho Federal de Educação aprovou o chamado Projeto Celso Kelly, programado para possibilitar o necessário equilíbrio entre o tecnicismo e uma formação cultural ampla. Hoje, os alunos se dividem nas seguintes linhas de crítica: 1. os cursos são essencialmente teóricos; 2. os cursos são um arremedo de prática e não oferecem embasamento cultural nenhum. Quer dizer: a prática é ruim e a teoria inexistente. Recentemente, parece que a corrente que defende uma ampla cultura para-

o jornalista está ganhando as discussões. Acho tudo isso uma questão de bom senso. Não se pode medir o jornalista, colocá-lo numa balança para ver se ele pende mais para a teoria ou a prática. Bernard Voyenne, professor francês, observa que a preocupação de rendimento imediato, aliada a uma concepção estritamente técnica da profissão, pode conduzir as escolas e estabelecer programas em que a formação profissional tome a forma de treinamento na base do truíte e de receitas. O resultado dessa fórmula é a de tornar a técnica inútil por falta de conteúdo. O instrumento prático é não formá-lo completamente. Essa questão do estágio obrigatório, por exemplo, reflete, na verdade, a incapacidade das Escolas. Isto é, o próprio Governo dá um atestado de incapacidade às Escolas, ao exigir do aluno o estágio obrigatório de um ano. Se as Escolas tivessem condições de proporcionar aprendizagem, não seria necessário o estágio.

Não existe, nem deve existir dicotomia entre teoria e prática. Deve haver uma medida de bom senso. Deve-se, isto sim, evitar importar modelos. A nossa realidade precisa de tons próprios. Não se justifica igualmente que Escolas de Comunicação de Maranhão ou de Manaus busquem inspirar-se nos currículos das Escolas de Comunicação do Sul do País. Os currículos plenos das Escolas deveriam sentir o ambiente, o meio, não se esquecendo, é claro, da formação básica, do complemento cultural. Mas nós somos perfeitos na arte de implantar modelos importados. Não constitui segredo para ninguém que disciplinas fundamentais em qualquer Escola de Comunicação, necessárias para qualquer jornalista, são aquelas de formação geral que o capacitem para reflexão em torno dos veículos de comunicação e em sua integração na sociedade, tais como, Ciências Sociais, Economia Política, História Contemporânea. Estas disciplinas, complementando a ética e o direito à informação, o rol de disciplinas de Técnica de Redação. E outras no campo da Comunicação e da Linguística, podem basear um bom currículo

de jornalismo. No entanto, vemos uma enxurrada de matérias desnecessárias (Inglês, por exemplo, não se aprende - nunca vi - em Curso de Jornalismo e talvez nem no Curso de Linguas. Inglês é para ser ensinado em Curso Intensivo. No entanto, nos nossos currículos, Inglês toma até quatro aulas por semana. E os alunos continuam arremedando as palavras...) Ora, em algumas Escolas, as disciplinas oferecidas até que dariam uma ótima formação geral e profissional. É só examinarmos os seus rótulos. No entanto, o conteúdo reflete irrealdade. E mais: os conteúdos programáticos não são cumpridos. Culpa do professor? preguiça? Incapacidade? Será que não estamos também vivendo uma época de malhação em torno das escolas de comunicação? A meu ver o erro não é apenas das Escolas, mas está na estrutura de ensino.

Vocês sabem que o problema é geral. Não é apenas das Escolas de Comunicação. O curso superior está virando curso secundário, este está passando a ser o ginasial e o ginasial está se transformando no primário. Alguém já constatou isso. Devemos, pois, olhar para as causas, não para as consequências. Estas, já conhecemos. Melhorar currículo é fácil: os professores se reúnem com os alunos, discutem aprovam novo currículo, mandam para o CFE (o currículo pleno, é claro - porque o currículo mínimo não pode ser mudado) e este o aprova. E daí? vai alterar alguma coisa? as pessoas vão mudar? em que situação estão os cursos de pós-graduação, para formação de professores de jornalismo. Vou contar uma experiência pessoal. Venho, há anos, convidando gente de primeira linha nos jornais e revistas para conferências, aulas. Algumas aceitaram a missão de ensinar. Hoje, infelizmente, tenho a dizer que o ótimo profissional pode ser um ótimo conferencista, pode até passar uma semana dando aulas espetaculares, mas não aguenta um semestre. Tentei buscar as causas: vi que, em primeiro lugar, o profissional tem dificuldades em distribuir, de forma racional e programada, os seus conhecimentos. Assim, tem dificuldades em programar um semestre de aulas. "Depois de três aulas, disse-me um deles, não tenho mais nada a dizer". Isto é, acham-se "locupletados". A verdade é que a eles falta uma orientação didática, pedagógica. O profissional é um ótimo professor, quando alia a sua prática ao conhecimento teórico da profissão. Um curso de pós-graduação ou de reciclagem pedagógica poderia transformá-lo num professor de jornalismo. Por outro lado, pressionado pelo seu emprego, viajando constantemente, o profissional dá muitos "furos", isto é, não aparece nas Escolas, gerando insatisfações, ao ponto de os alunos exigirem: "preferimos, como professor, um profissional razoável (não quer dizer mediocre), que dê as caras, a uma estrela, que só brilha algumas vezes por ano". Isto posto, senhores, podemos afirmar que a questão da mão-de-obra para o magistério é bastante grave, e não pode ser

e várias pauladas

Escola

resolvida, simplesmente, como muita gente pensa, através deste conselho muito comum: "convide-se alguém bom no jornal X e tudo estará resolvido".

Aluísio de Toledo César, do "Estado", ao ser indagado se preferia um jornalista formado por Escola de Sociologia a um formado por Escola de Comunicação, não teve dúvidas. Preferia o jornalista-sociólogo, pela formação deste. Aluísio, na VII Semana de Estudos de Jornalismo, estava querendo dizer que um jornalista de escola é superficial, que prefere o profissional preparado, o médico, o advogado, cujas culturas são mais amplas e profundas. Opinião até certo ponto encampada por Rolf Kuntz, José Reis e outros. Ora, o caráter polivalente que se quer emprestar aos Cursos de Comunicação, é até certo ponto, responsável por esta situação. Por esta polivalência, jornalista deve saber fazer tudo, deve estar pronto para fazer qualquer matéria de jornal, revista, rádio e TV. A superficialidade dos jornalistas é retrato de uma formação deturpada e de uma época. De uma formação que não leva em consideração o conteúdo e sim a forma; e de uma época em que os valores essenciais do homem são ditados pela tecnologia, pela cultura de massa, uma cultura horizontal — produto dos próprios meios de comunicação. É claro que o jornalista de hoje deve ter uma visão universal, que lhe possibilite enxergar o mundo a seu redor, a sociedade que o abriga, entender sua função, de intérprete do meio social, sua importância e seu potencial. Mas isto não significa que ele deva desconhecer a tendência de especialização da sociedade moderna. O repórter de rua, da geral, terá sempre vez, mas o futuro é do repórter especializado, cuja missão será cada vez mais relevante, na medida em que complicam-se os sistemas de vida, multiplicam-se os mecanismos de consumo. Por isso, vejo na especialização uma forma de aprofundarmos o conteúdo dos programas das Escolas de Comunicação (mais uma vez, repito que não devemos perder de vista a função geral do jornalista na sociedade, a de crítico e de intérprete, a de denunciador e a de olheiro do meio ambiente, a de orientar e a de educador). Estou insistindo nesta questão, porque, numa conversa com Fernando Pacheco Jordão, este queixava-se da ênfase que dávamos à especialização, quando, em seu entender, dever-se-ia olhar para a formação geral do jornalista. Pergunto: até que ponto a especialização anula aquela formação? As duas não se completam? Penso em duas etapas nos cursos de comunicação: uma voltada para a formação básica, outra para a especialização. Se não enfrentarmos a realidade de um mundo especializado, vamos ter cada vez mais, repórteres perguntando bobagens, com lembranças José Reis e Rolf Kuntz, vamos ter pouco senso crítico, porque tudo o que se dirá, será "uma meia verdade, a verdade da fonte" (as aspas são apenas para reforço da ideia). Especializar-se significa dominar conteúdo, ter senso crítico para poder dizer, investigar, orientar e educar. Que sentido tem fazer jornalismo, quando o jornalista é apenas um mero transmissor de recados de uma fonte? É a esse jornalista que talvez tenha se referido Aluísio de Toledo César, em sua crítica. Falta-lhe o senso crítico, o domínio do conteúdo. E isto pode ser conquistado por meio de cursos mais verticais e mais reflexivos. Percival de Souza apresentou, durante a Semana, um ligeiro roteiro do conteúdo que tem de dominar, para livrar-se de enrascadas, para poder exercer, com imparcialidade e segurança, o jornalismo policial. Ele defendia a necessidade de especialização. A forma televisão, por exemplo, tem uma linguagem própria, métodos próprios. E que, portanto, exige conhecimentos específicos. Depoimentos de gente da área nos levam a crer que muita besteira da televisão brasileira se deve à incompreensão da forma televisão, à ignorância sobre seu potencial. Estamos fazendo jornalismo de TV, à base do locutor falando, quando a TV pode documentar, com imagens, os fatos. Isto é, estamos fazendo na TV jornalismo essencialmente falado (e, ainda por cima, copiado dos jornais). Por isso, Fernando Jordão acho televisão e rádio formas diferentes de jornalismo. Você, que é um mestre dos maiores, há de compreender porque colocamos jornalismo televisionado, radiofônico, cinematográfico, na pauta de especialização. Claro que o bom jornalista pode fazer tudo, executar um completo trabalho em todos os canais, em todo tipo de publicação. Mas, Fernando, você não acha que essa mania de querer fazer tudo ou de dever fazer tudo não é retrato de formação empírica, que está sendo ultrapassada por novas exigências? Não seria melhor que um aluno, ao sair de uma Escola, pudesse fazer televisão, sem adequações ou treinamentos e estágios explora-

dores? Você ainda acredita na formação jornalística polivalente, responsável por uma cultura mosaica, frouxa, amorfa e burra?

Alguém também há de lembrar o número exagerado de Escolas de Comunicação, o interesse puramente mercantilista da maioria das Escolas particulares e a formação do programa pleno das Escolas à base da disponibilidade de professores e não de acordo com as necessidades de alunos. Que dizer das Escolas de Jornalismo sem salas de redação, sem laboratórios fotográficos, sem órgãos de experimentação? e a regulamentação da profissão, que embora iguale as profissões maiores das menores, o editor do revisor ou do arquivista, não funciona na prática? O revisor é um subprofissional, considerado a ralé do jornalismo. Ditem-me os alunos da Cáspier, revisores no "Estado", que seu sonho é pular, um dia, para a Redação. E até que ponto o trabalho de revisão merece ser enquadrado na categoria de jornalista? Acho que muita coisa está errada. E as dificuldades que tomam das Escolas de Comunicação assumem um caráter mais crítico quando se confronta a realidade do restrito mercado de trabalho. A única saída para o impasse estaria na linha de especialização, com o aproveitamento do contingente saído das Escolas em jornais e revistas de empresas, em jornais de bairro, em publicações sindicais, em revistas médicas, científicas, em publica-

ções governamentais, incluindo até jornais do Interior. Mas a grande verdade — talvez desconhecida pelo Sindicato — é que muita gente exerce jornalismo nestas paragens sem o preparo, a vocação profissional ou mínimo de dignidade. Vemos uma imprensa marginal dominada por picaretas, ou gente despreparada. Há, é claro, pessoas com boas intenções, mas sem a formação profissional. Trabalho numa área do jornalismo especializado: o jornalismo empresarial, que até cinco anos atrás, era desconhecido. Fizemos nestes últimos anos, um trabalho de conscientização, reuniões com editores. Demos força à Associação Brasileira de Revistas e Jornais de Empresa (ABERJE) e o resultado, hoje, pode ser medido: um campo que congrega, entre Rio e São Paulo, mais de 500 publicações, algumas feitas com excelente nível profissional, melhores, muitas, do que algumas de nossas publicações de banca, como se pode comprovar pelas indicações feitas no último Concurso da ABERJE. No entanto, muitas escolas desconhecem a realidade do jornalismo empresarial. E não tenho medo de dizer que fazer jornalismo empresarial é, hoje, tarefa mais difícil que fazer jornalismo do dia a dia. Portanto, é essa realidade que deve ser absorvida pelas Escolas. É a aproximação mercado-escola que preparamos. Se permaneceremos afastados, continuaremos com aulas discursivas, acadêmicas

com as pílulas informativas, com as "estórias" de experiências profissionais, com o arremedo mal ensaiado de experiências frustradas.

Por último, quero lembrar que há gente boa, e até muito boa, e com sérias intenções, dentro das Escolas. Deles, não se exige quase nada. Por outro lado, eles sentem-se desmotivados, porque sabem que o mal não pode ser curado num dia e que só a boa vontade não basta para fazer melhorar as coisas. E findam entrando nos esquemas.

...

Quanto ao resto, uma proposta: por que o Sindicato, com sua força, com seu prestígio, com a sua classe, com seu espírito renovador, não encampa as discussões em torno do problema, ouvindo gente de todas as áreas, alunos, professores, profissionais? e por que, depois de ouvi-las, não reúne suas discussões num documento substancial, com uma proposta de modificação dos currículos? Por que São Paulo não lidera esta briga pela renovação? As Escolas, mergulhadas em seus grandes problemas, talvez não se sintam motivadas para emergir à tona. E o Sindicato, que cuida dos problemas da profissão, poderia levar adiante a campanha. São ideias. O que vocês acham?

Gaudêncio Torquato

Casper: Fundação responde

O presidente da Fundação Casper Libero, entidade mantenedora da Faculdade de Comunicação Social Casper Libero, respondeu a ofício que lhe fora enviado, dia 12 de maio, pelo Diretório Acadêmico, e no qual os estudantes faziam uma série de reivindicações (UNIDADE, nº 12).

Os pontos de descontentamento dos alunos foram assim resumidos, na própria resposta da Fundação:

1 — ensino pago; 2 — máquinas velhas na Redação experimental; 3 — Biblioteca desatualizada e com acervo ridículo; 4 — inexistência de um "estúdio de criação"; 5 — existência de uma só máquina fotográfica, filmes, racionados e falta de laboratório; 6 — aluguel de espaços ociosos para escola particular e promessa de utilização de um andar inteiro pela Faculdade; 7 — aumento do número de vagas em relação ao espaço disponível; 8 — transferência da Biblioteca e Redação para o 3º andar; 9 — impossibilidade do uso do Teatro; 10 — aumento do número de alunos da Faculdade e do Cursinho Objetivo (localizado no mesmo prédio) em relação aos três elevadores.

RESPOSTAS

Também resumidas, essas são as respostas da Fundação às queixas dos estudantes:

1 — "Não há, em nenhum trecho do Testamento de Casper Libero, qualquer menção a ensino gratuito. O verbo manter não significa gratuidade". A Fundação — continua a resposta — atravessou "momentos delicados para a sua própria sobrevivência", e, para obter uma situação "de desfogo", teve de tomar várias medidas muitas vezes "drásticas", entre as quais arrola a cobrança de anuidades, o aluguel de espaços ociosos e outras. "A receita da Faculdade cobre apenas cerca de cinquenta por cento de sua despesa".

2 — Em 1975 — diz a Fundação — a Redação estava "mal instalada, em local acanhado" e tinha 26 máquinas; hoje, ocupa 150 metros quadrados, tem mesas individuais e duas mesas grandes para trabalho em grupo e diagramação e tem 67 máquinas "em perfeito estado de conservação".

3 — A Biblioteca — diz a resposta — foi transferida para local "mais adequado" no 3º andar. Antes não tinha Bibliotecário e auxiliares, nem fichário, nem sala de leitura e a catalogação estava por fazer, e hoje tem Bibliotecária, auxiliares, está com o fichário em ordem, tem sala de leitura e capacidade para 40 consulentes; em 1975 recebeu mais 400 títulos novos e outros 300 títulos estão em fase de consulta de preços.

4 — Diz a carta-resposta da Fundação que o Diretório não esclareceu o que entendia por "estúdio de criação", mas afirma que a Faculdade possui desde o ano passado uma sala com quarenta mesas equipadas para desenho "onde os alunos podem fazer os seus trabalhos específicos na área de diagramação e da parte prática de Propaganda".

5 — "A Faculdade não é obrigada a fornecer máquinas fotográficas aos alunos", res-

ponde a Fundação; continua: "Os filmes não são racionados", e anuncia que está programada para o segundo semestre deste ano a construção do laboratório fotográfico, "reiterada reivindicação da atual diretoria da Faculdade" e "realmente indispensável para o ensino".

6 — O aluguel de espaços é entendido, na resposta ao Diretório Acadêmico, como um assunto "de economia interna da Administração da Fundação Casper Libero, que responde pelos seus atos perante o Conselho Curador da Fundação". E mais: "A Administração tem alugado os espaços ociosos exatamente porque eles estavam ociosos. Não alugou, nestes últimos três anos, um metro quadrado do 5º andar, onde está a Faculdade". Na resposta também se anunciam, a partir do mês de julho, reformas no 5º andar para dar maior espaço à Faculdade.

7 — A Fundação rejeita o qualificativo de "indiscriminado" quando referido ao aumento de vagas, lembrando que o número de vagas

(480) é fixado por Regulamento aprovado pelo Conselho Federal de Educação.

8 — A transferência da Biblioteca e da Redação para o 3º andar — afirma a resposta da Fundação — "foi aplaudida por todos quantos conheceram as antigas e acanhadas instalações".

9 — A Fundação nega a existência de um Teatro, argumentando que a Faculdade não possui. Curso de Teatro, e afirma que a utilização do auditório e de palco fica a critério da Administração. "Quando houver necessidade do uso do auditório, a Assistência da Administração da Fundação, que funciona no 5º andar do prédio, atenderá aos pedidos que lhe forem feitos".

10 — Lembrando que até recentemente o prédio dispunha de apenas dois elevadores "em precárias condições", a Fundação, em sua resposta, informa que mandou reformar inteiramente esses dois elevadores, determinou a instalação do terceiro e "já providenciou a compra do quarto elevador".

UNIDADE

composto e impresso por

pat-publicações e assistência técnica Ltda.

(Jornal da Semana)

Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412 fone 853-7461 — S. Paulo

com participação de

Kodak Brasileira Comércio e Indústria Ltda.
Indústrias Klabin de Celulose do Paraná S.A.
Alumigraf Indústria e Comércio Ltda.
Lorilleux do Brasil Indústria de Tintas S.A.

Regulamento da Assistência Social

"Pelo presente regulamento ficam estabelecidas as normas para assistência médica e odontológica fornecida pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, no ambulatório próprio ou através de convênios firmados com terceiros:

Artigo 1º - Todo associado e seus dependentes têm direito à assistência social, obedecendo os dispositivos do presente regulamento:

CARÊNCIA

§1º - O novo associado só poderá usufruir dos serviços assistenciais a partir de três meses, a contar da data da matrícula, salvo consultas no ambulatório da sede. Os readmitidos, somente depois de seis meses, a contar da data de readmissão;

§2º - Durante o período de carência, o novo associado e o readmitido, poderão utilizar-se dos convênios mediante pagamento integral dos serviços;

§3º - A inscrição dos dependentes será feita pelo próprio associado;

§4º - Tanto o associado como seus dependentes deverão apresentar-se munidos das respectivas credenciais toda vez que desejarem utilizar-se dos serviços assistenciais;

§5º - Para beneficiar-se dos serviços assistenciais, o associado deverá estar em dia com o pagamento das mensalidades sindicais;

DEPENDENTES

Artigo 2º - São considerados dependentes do associado:

a) o cônjuge e os filhos menores de 18 anos ou inválidos ou menores de 24 anos, quando comprovada sua dependência econômica;

b) o companheiro ou a companheira, mediante comprovante de desquite e da existência de novo vínculo por mais de dois anos, no caso de casado; mediante apresentação de documento comprobatório da existência de vínculos por mais de dois anos, no caso de solteiro;

c) O enteado e/ou o menor de 18 anos que se encontrem sob sua tutela, mediante certidão de autoridade judicial e declaração escrita do associado;

d) os pais e os irmãos menores de 18 anos, dependentes economicamente do associado, quando não existirem outros dependentes;

§1º - Os filhos maiores poderão beneficiar-se da assistência gratuita no ambulatório e utilizar-se dos convênios. Neste caso, porém, deverão pagar o valor integral da consulta e a taxa correspondente de 10% do Sindicato, no ato da retirada da guia médica;

§2º - No caso do desquitado existindo pensão, a esposa e os filhos são dependentes preferenciais; não existindo pensão, a inscrição de dependentes é feita normalmente, obedecendo-se os dispositivos constantes neste regulamento.

INSCRIÇÃO DOS DEPENDENTES

Artigo 3º - Para a inscrição dos dependentes é obrigatória a apresentação de documentos:

a) Para o cônjuge, a certidão de casamento;

b) Para os filhos menores de 18 anos, a Certidão de Nascimento; para os maiores de 18 anos e menores de 24 anos, a Certidão de Nascimento declarada escrita do associado com provas de dependência econômica;

c) Para o companheiro (a) do (a) desquitado (a), a Certidão de Desquite, atestado de residência de autoridade competente, e declaração escrita do associado comprovando a vida em comum por mais de dois anos; do(a) solteiro(a), os documentos comprobatórios acima, excluindo-se a Certidão de Desquite;

d) Para o enteado e o menor que se encontre sob sua tutela, a certidão de nascimento, certidão de autoridade judicial comprovando a tutela e declaração escrita do associado comprovando dependência econômica;

e) Para os pais e irmãos menores de 18 anos, declaração escrita do associado comprovando a dependência econômica; para irmãos menores, também a Certidão de Nascimento;

Parágrafo Único - Para outros casos, não constantes no artigo acima, compete à Comissão de Sindicância estabelecer os documentos a serem apresentados, ouvindo-se a Diretoria Executiva;

TAXAS E GUIAS

Art. 4º - A assistência médica e odontológica é gratuita a todo associado e seus dependentes, no ambulatório da sede.

Parágrafo Único - Para assistência odontológica será cobrado o custo do material.

Art. 5º - O associado só tem direito à assistência médica e laboratorial mediante apresentação de guias médicas, expedidas na capital pela Secretaria da sede e no interior pelas Delegacias Regionais e representantes do Sindicato.

§1º - Para a assistência social através de convênios com terceiros, o associado tem direito a duas guias médicas por mês, para consultas ou exames de laboratório;

§2º - Vencida a cota mensal de 2 (duas) guias, o associado passa a pagar aos cofres do Sindicato o valor integral das consultas ou exames de laboratório, beneficiando-se, porém, dos preços oferecidos pelos convênios;

§3º - O associado pagará uma taxa de 10 (dez) por cento sobre o valor da consulta ou do exame de laboratório, no ato de recebimento da guia expedida pela Secretaria do Sindicato, mediante apresentação da requisição fornecida pelos médicos do ambulatório ou médico particular;

§4º - Para exames de laboratório fica estabelecido o limite de 50% do salário mínimo regional, ao mês, pago pelo Sindicato; o excedente correrá por conta do associado. Quando o custo do exame de laboratório for superior ao limite fixado, a taxa de 10(dez) por cento para a retirada da guia médica, incidirá apenas sobre o limite;

§5º - No interior, por falta de ambulatórios próprios, os presidentes das Delegacias Regionais e os representantes do Sindicato são responsáveis pelo encaminhamento dos usuários, obedecendo-se o mesmo critério adotado na sede.

ASSISTENCIA HOSPITALAR E DE EMERGENCIA

Art. 6º - O Sindicato não será responsável pelas despesas resultantes da assistência hospitalar ou do atendimento ambulatorial de emergência, mas os associados e seus dependentes, filiados à Unimed terão o benefício dos preços estabelecidos pela entidade.

Parágrafo único - O Sindicato continuará fornecendo assistência de emergência, gratuitamente, para crianças.

DEPENDENTE ESPECIAL

Art. 7º - Fica criada a categoria de "dependente especial" para utilização específica do convênio com a Unimed, podendo neste caso, o associado inscrever pessoas da família, ou que vivem sob sua dependência econômica, ou em sua companhia, mas que não se enquadrem nas demais categorias de dependentes estabelecidos no presente regulamento;

§1º - As guias fornecidas ao dependente especial serão pagas integralmente no ato de sua retirada, assim como o pagamento da taxa administrativa cobrado pela Unimed e a taxa de 10 por cento do Sindicato;

§2º - Para a inscrição do dependente especial, o associado apresentará documento comprovando o parentesco, declaração escrita comprovando a dependência econômica, ou requerimento comprovando que a pessoa vive em sua companhia;

§3º - O dependente especial não poderá utilizar-se dos serviços do ambulatório da sede, nem dos serviços assistenciais decorrentes dos demais convênios firmados pelo Sindicato;

§4º - O dependente especial não terá direito à carteira de dependente expedida pelo Sindicato, mas apenas à credencial fornecida pela Unimed;

§5º - No caso de rescisão do Convênio com a Unimed, extingue-se a figura do dependente especial;

Artigo 7º - Competirá à Diretoria Executiva do Sindicato tomar as decisões apropriadas nos casos excepcionais e nos casos não previstos neste regulamento;

Artigo 8º - O presente regulamento entra em vigor, na data de 1º de agosto de 1976".

APROVEITE OS DESCONTOS

São oferecidos descontos de 30% ao associado do Sindicato ou seu dependente, pelas seguintes firmas:

Ótica Foto Piratininga: Rua Capitão Salomão, 63.

Ótica Panorâmica Ltda: Rua Rego Freitas, 311.

Foto Ótica Badaró Ltda: R. Libero Badaró, 515 (pagamento a vista: 25%; 3 pagamentos de desconto de 10%; 5 pagamentos, sem acréscimo);

PAGUE SUA MENSALIDADE EM DIA

O Sindicato dos Jornalistas está fazendo uma revisão nos cadastros por ter verificado um relativo número de associados em atraso com suas mensalidades. A diretoria entende que um companheiro atrasa o pagamento de sua mensalidade por descuido ou porque não foi alcançado pelo cobrador, tendo em vista que o sistema de cobrança ainda está sendo ajustado. Possivelmente, apenas uma pequena minoria teria se desinteressado em continuar como associado, sem se dar ao trabalho de pedir sua demissão do quadro.

Há dois aspectos na questão. O primeiro, em prejuízo

do próprio associado que, ao atrasar três mensalidades, não apenas deixa de ter qualquer direito junto ao Sindicato (participar de assembleias, votar e ser votado, utilizar-se dos departamentos médico-odontológico e Jurídico, da Assistência Social e dos auxílios natalidade, funeral e desemprego, entre outros), como também está sujeito a ser excluído. O segundo é em prejuízo da própria categoria, porque enfraquece o Sindicato e um companheiro que falta para somar com todos aqueles que pretendem um Sindicato forte e atuante. Por tudo isso sua ajuda é necessária: não deixe atrasar sua mensalidade - pague em dia.

NOSSA ASSISTÊNCIA, CRESCENDO

O atendimento dos associados, pelo ambulatório do Sindicato, vem crescendo de mês para mês: enquanto em maio de 1975 a Clínica Médica atendia a 189 associados e 192 dependentes, no mesmo mês, neste ano, os números passaram para 210 e 215, respectivamente. Em junho de 1975, eram atendidos 170 associados e 168 dependentes e neste ano, 209 e 216; em julho deste ano atendeu

a 217 associados e 226 dependentes.

O Serviço Odontológico vem crescendo, também: de 512 atendimentos de associados e 773 de dependentes em maio de 1975, passou-se, no mesmo mês deste ano, para 802 e 1.451; em junho de 1975 o movimento marcou 459 atendimentos de associados e 647 de dependentes, chegando a 1.451 e 1.474 no mesmo mês, em 1976. Em julho, o Serviço Odontológico, com 5 dentistas, registrou 845 atendimentos de associados e 1.532 de dependentes.

BOLSA DE EMPREGOS

A Sucursal do ABC, de "O Estado de São Paulo", precisa de free-lancers que residam nas seguintes cidades: Suzano, Poá, Ferraz de Vasconcelos, Guararema, Biritiba-Mirim, Salesópolis, Itaquaquecetuba, Francisco Morato, Franco da Rocha, Caieiras, Cajamar, Pirapora do Bom Jesus, Santana do Parnaíba, Barueri, Jandira, Itapevi, Cotia, Embu, Itapetininga, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra.

Os interessados devem procurar o sr. Milton S. Machado, das 9 às 19 horas todos os dias. É inútil se apresentar se não residir nas localidades acima mencionadas.

ACEITA UM CAFEZINHO? FOI COADO AGORA.



Um cafezinho sempre vai bem, não é mesmo?

Especialmente quando a gente está mais pra lá do que pra cá e precisa de uma injeção de ânimo.

Ou então quando você almoçou ou jantou bem e só falta um cafezinho para completar.

Está para nascer uma bebida melhor do que um cafezinho coado na hora.

Especialmente quando é Café Pelé.

Ai é melhor ainda, porque, além de ser gostoso, você sabe o que está bebendo: ele é produzido pela Cacique

de Alimentos, a empresa que mais entende de café no Brasil.

O Café Pelé passa por um rigoroso controle de qualidade, desde a escolha do grão até o café já torrado e moído que você leva para casa.

Ele é empacotado sem contato manual e lacrado a vácuo. Por isso, conserva todo o seu aroma e sabor.

Agora você já sabe que café é este. Aceita um cafezinho?

CAFÉ PELÉ

- o café da família brasileira.

